

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS**

ROSIRENE DIAS ROSA

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA LEITORA

Goiânia,
2022

ROSIRENE DIAS ROSA

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA LEITORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para fins de avaliação final e obtenção do grau de Mestre em Letras sob orientação do professor Dr. Divino José Pinto.

Goiânia,
2022

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Márcia Rita Freire - Bibliotecária - CRB1/1551

R788b Rosa, Rosirene Dias

A biblioteca como espaço de formação da consciência
leitora / Rosirene Dias Rosa. -- 2022.
77 f.

Texto em português, com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2022.

Inclui referências: f. 71-77.

1. Gaarder, Jostein, 1952 - A biblioteca mágica de
Bibbi Bokken. 2. Bibliotecas escolares. 3. Livros
e leitura. 4. Incentivo à leitura. I. Pinto, Divino José.
II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa
de Pós-Graduação em Letras - 30/03/2022. III. A biblioteca
mágica de Bibbi Bokken. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 028.6(043)
027.625
021.3



A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA LEITORA

ROSIRENE DIAS ROSA

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
aprovada em 30 de março de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás

Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira / PUC Goiás

Profa. Dra. Sandra Maria de Oliveira / Centro Universitário Araguaia

Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto / UEG

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Jefferson Richard e Jéssika Rayane, minha melhor versão, à minha Rainha Mãe Irene, por cuidar tão bem de mim e de meus filhos, e por fazer de mim a mulher que sou.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Átila Teixeira, pelo incentivo à escolha do Mestrado em Letras pela PUC-GO e pela participação e contribuição na Banca de Qualificação.

Ao professor Dr. Divino José, por me acolher com tanto carinho como sua orientanda.

À professora Dra. Sandra Maria de Oliveira, pela participação na Banca de Qualificação e contribuições feitas a este trabalho.

Ao amigo professor Dr. Ricardo Teixeira, pela contribuição na reta final desta pesquisa.

Às professoras do Colégio Estadual Jardim América, por participarem desta pesquisa, meus agradecimentos sinceros, pois sem a participação delas este trabalho não seria possível.

A todos da minha família que sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida, dos mais simples aos mais importantes.

Ao meu noivo, Milton Elias, meu amor da adolescência e que agora voltou para trilharmos juntos o caminho desta vida adulta.

Agradeço, sobretudo, ao meu Deus, Jesus Cristo, pelo dom da vida.

BIBLIOTECA VERDE

–Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados em percalina verde.
–Meu filho, é livro demais para uma criança!...
–Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
–Quando crescer, eu compro. Agora não.
–Papai, me compra agora. É em percalina verde, só 24 volumes. Compra, compra, compra!...
–Fica quieto, menino, eu vou comprar.
–Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.
Me mande urgente sua Biblioteca bem acondicionada, não quero defeito.
Se vier com um arranhão, recuso. Já sabe:
Quero a devolução de meu dinheiro.
–Está bem, Coronel, ordens são ordens. Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro, fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga vai levando tamanho universo. Chega cheirando a papel novo, mata de pinheiros toda verde.
Sou o mais rico menino destas redondezas. (Orgulho, não; inveja de mim mesmo)
Ninguém mais aqui possui a coleção das Obras Célebres.
Tenho de ler tudo. Antes de ler, que bom passar a mão no som da percalina, esse cristal de fluida transparência: verde, verde...
Amanhã começo a ler. Agora não. Agora quero ver figuras.
Todas.
Templo de Tebas, Osíris, Medusa, Apolo nu, Vênus nua... Nossa Senhora, tem disso nos livros?!...
Depressa, as letras. Careço ler tudo.
A mãe se queixa: Não dorme este menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino! Espermacete cai na cama, queima a perna, o sono.
Olha que eu tomo e rasgo essa Biblioteca antes que pegue fogo na casa.
Vai dormir, menino, antes que eu perca a paciência e te dê uma sova.
Dorme, filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.
Mas leio, leio... Em filosofias tropeço e caio, cavalgo de novo meu verde livro, em cavalarias me perco, medieval; em contos, poemas me vejo viver.
Como te devoro, verde pastagem!...
Ou antes carruagem de fugir de mim e me trazer de volta à casa a qualquer hora num fechar de páginas?
Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei nunca, está na Biblioteca em verde murmúrio de flauta-percalina eternamente.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta pesquisa consiste em identificar a importância do espaço da biblioteca no processo de letramento, na formação de alunos leitores do Colégio Estadual Jardim América de Goiânia. Para tanto, buscamos compreender a leitura como instrumento de ampliação dos horizontes, uma ferramenta indispensável na constituição de uma sociedade com capacidade para ser livre e atuante. Ressaltamos, neste percurso, a importância da leitura e da Biblioteca Escolar na formação do leitor proficiente, em todos os sentidos, com atenção especial para a leitura literária, como forma de tradução do mundo pela construção simbólico-metafórica. Nesta investigação, deparamo-nos com as práticas de leitura e escrita como atividades complementares e interdependentes, com destaque para o letramento literário. Pensando nesse aluno/sujeito/leitor e na prática pedagógica dos docentes da educação básica, analisamos a importância da biblioteca na construção e na evolução do pensamento humano. Neste estudo, em seus procedimentos metodológicos, valemo-nos de entrevistas realizadas com a gestora responsável pelas bibliotecas escolares da Secretaria de Estado da Educação de Goiás - SEDUC – e professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América, utilizando-se do método exploratório, de natureza qualitativa, a partir de estudo documental, com levantamento das principais políticas, projetos e ações sobre bibliotecas escolares na SEDUC e projetos desenvolvidos na área de Linguagens que têm contribuído para a formação de alunos leitores. Por último, ilustramos a pesquisa com uma breve análise do livro *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Leitura. Letramento literário. *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*.

ABSTRACT

The purpose of this work is to identify the importance of the library space in the literacy process in the formation of reading students at Colégio Estadual Jardim América. Therefore, we seek to understand reading as a movement that provides moments of leisure, as well as an indispensable tool for the constitution of a society with the capacity to be free and active. For this we need to understand the importance of reading and the School Library in the formation of the future reader and the practices of reading and writing with emphasis on literary texts, or specifically on literary literacy. Thinking about this student/subject/reader and about the pedagogical practice of basic education teachers, we started to analyze the importance of the library in the construction and evolution of human thought. The study used interviews with the manager responsible for the school libraries of the Secretaria de Estado da Educação de Goiás, SEDUC, and language teachers at Colégio Estadual Jardim América, using the exploratory method, of a qualitative nature, based on of documental study with a survey of the main policies, projects and actions on school libraries at SEDUC and projects developed in the area of languages that in fact have contributed to the formation of student readers, using the analysis of the interviews of the Content Analysis Method, in the first chapter; in the second, we have an approach to the school library, covering its dimension and, in the third chapter, we illustrate the research, with a brief analysis of the book *A Biblioteca Mágica the Bibbi Bokken*.

KEYWORDS: School Library. Reading. Literary literacy. Magic library *Bibbi Bokken*.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
I. PERCURSO E SUJEITOS DA PESQUISA	14
1.1 O espaço social da pesquisa: Biblioteca João Bosco de Castro do Colégio Estadual Jardim América.....	14
1.2 Sujeitos da pesquisa: entrevistas semiestruturadas e o método qualitativo.....	28
1.3 Opção pela análise do conteúdo – metodologia	31
1.4 Revisão de literatura e a interface entre biblioteca escolar e aprendizagem: formação de leitores e letramento	33
II. A BIBLIOTECA ESCOLAR: TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS	45
2.1 Perspectivas históricas e políticas das bibliotecas escolares	45
2.2 Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem dos componentes curriculares: letramento e formação de alunos leitores.....	49
2.2.1 <i>O espaço e organização da biblioteca escolar na percepção das professoras: articulação entre a biblioteca escolar e a rotina da escola</i>	52
2.2.2 <i>O papel da biblioteca na formação de alunos leitores no Colégio Estadual Jardim América</i>	58
III. LEITURA/ESCRITA: A CONSCIÊNCIA LEITORA EM MOVIMENTO COM A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN	64
3.1 O modelo ensaístico-argumentativo como estratégia narrativa no romance <i>a Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken</i>	65
3.2 A função retroalimentadora da biblioteca e a metalinguagem em a Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta para este trabalho consistia em identificar a importância do espaço da biblioteca na formação dos futuros leitores e compreender que a leitura, além de proporcionar momentos de lazer, caracteriza-se como uma ferramenta indispensável se quisermos fazer parte de uma sociedade com capacidade para ser realmente livre e atuante. Para isso, precisamos compreender a importância da leitura e da biblioteca escolar na formação do futuro leitor desde a criança nos primórdios da formação fundamental até os jovens no final do ensino médio. Pensando nesse aluno/sujeito/leitor e na prática pedagógica dos docentes do Colégio Estadual Jardim América, passamos a analisar a importância da biblioteca na construção e evolução do pensamento humano.

O desejo pela presente pesquisa teve início com a participação dos alunos do Colégio Estadual Jardim América – CEJA no Projeto Estudantes de Atitude da Controladoria Geral do Estado de Goiás – CGE-GO, juntamente com a Secretaria de Estado da Educação – Seduc-GO. No desafio do projeto, entre os aspectos levantados pela Auditoria Cívica estava a necessidade de melhoria nos espaços de convivência da escola, e um dos espaços que os alunos mais gostavam de frequentar era a biblioteca escolar, porém, essa precisava passar por uma revitalização de todo o ambiente.

Conforme avaliação dos alunos, e um levantamento prévio feito no âmbito da pesquisa, o espaço da biblioteca escolar era mal utilizado, com prateleiras sobrepostas, livros empilhados, muitas coleções antigas de livros e com nenhum apelo para os adolescentes. A mesma não contava com um sistema informatizado para locação de livros, dificultando a organização, devolução e o acesso dos livros a todos os alunos. E essa realidade, com o passar dos anos, levou os alunos a se sentirem desestimulados a frequentar a biblioteca e, assim, ficarem desmotivados à leitura, hábito tão importante para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

É, pois, nesse ínterim, que adentrávamos na proposta de trabalho, qual seja, promover, em parceria com professores e estudantes, uma revitalização da biblioteca escolar do CEJA. Para isso, realizamos reuniões com a servidora responsável pela biblioteca, professores e estudantes dos diferentes turnos e etapas buscando o desenvolvimento de uma proposta de ação nesse sentido. Porém, o contexto da pandemia e a necessidade de ensino remoto levaram-nos à reflexão sobre novas práticas pedagógicas e seus reflexos nos processos de ensino-aprendizagem. Foi fundamental, na organização da rotina escolar, priorizar o diálogo no sentido

de problematizar, sistematizar e criar estratégias pedagógicas para o desenvolvimento de competências e habilidades para os sujeitos educandos.

De acordo com o Ministério da Saúde, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (BRASIL, 2021). Apresenta quadro clínico que varia de infecções assintomáticas até quadros respiratórios críticos. Diante da gravidade da Covid-19, foi preciso manter isolamento, quarentena e distanciamento social para reduzir o risco de transmissão da doença.

No início do semestre de 2020, a pandemia de Covid-19 resultou na suspensão das aulas e trouxe mudanças na vida de todos, sendo então primordial o distanciamento social para reduzir o risco de transmissão da doença. Assim, as práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem no contexto de pandemia precisaram de ações mediadoras para o desenvolvimento das crianças diante do ensino remoto.

Assim, conforme exposto, a pandemia do novo coronavírus trouxe enormes prejuízos ao cronograma de trabalho acertado entre os colaboradores do estudo, adiado em decorrência do fechamento das escolas. A partir desse cenário, a proposta tornou-se inviável em função do avanço da doença e do agravamento social dela decorrente.

Em diálogo com o orientador deste estudo, optamos pela mudança de foco, porém, mantendo o tema, biblioteca escolar, tendo como referência a Biblioteca João Bosco de Castro, do Colégio Estadual Jardim América. Partimos para um propósito mais amplo, abarcando a estrutura, organização e funcionamento da biblioteca mediante a proposta da Rede Estadual de Educação.

Então, a pergunta que nos levou ao novo recorte temático consistiu em compreender qual o lugar da biblioteca escolar no contexto da formação de estudantes leitores do Colégio Estadual Jardim América. Nesse âmbito, propusemos, como objetivo geral, analisar o contexto da biblioteca escolar na Rede Estadual de Educação de Goiás com olhar voltado para a importância percebida por gestores da Seduc e professoras do Colégio Estadual Jardim América sobre o processo de formação de estudantes leitores da educação básica.

Como objetivos específicos, buscamos, primeiramente, levantar as principais políticas e programas nacionais e locais que sustentam e orientam as bibliotecas escolares; em seguida, mapear os projetos e ações desenvolvidos no âmbito da Secretaria de Estado de Educação de Goiás, estabelecendo um diálogo crítico, uma vez que é sabido haver entre o que rezam os documentos e o que, de fato, se observa no chão da escola um grande distanciamento conforme

escuta com gestores da Seduc e professoras do Colégio Estadual Jardim América acerca da biblioteca escolar no processo de formação dos estudantes leitores da educação básica.

Ainda buscamos realizar um breve estudo da obra *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, romance de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup. Esse romance conta a história do garoto Nils e sua prima Berit que moram em cidades diferentes e, para manter o contato, decidem escrever um diário a quatro mãos, enviando-o de uma cidade a outra por correio. Ao longo da história, eles investigam a vida de Bibbi Bokken e descobrem uma biblioteca mágica.

Quanto à metodologia, este estudo se caracteriza como exploratório, de natureza qualitativa, a partir de estudo documental, com levantamento das principais políticas, projetos e ações sobre bibliotecas escolares na Seduc. Também se valeu de entrevistas realizadas com a gestora responsável pelas bibliotecas escolares, uma técnica de apoio e suporte à gestora, no âmbito da Seduc, bem como entrevista com professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América.

Para análise das entrevistas, foi utilizado o Método de Análise de Conteúdo, na perspectiva de Laurence Bardin (2010), cuja dinâmica pressupõe três etapas, a saber: a) Pré-Análise, que consiste em fazer a leitura flutuante dos textos/discursos/excertos, escolha dos documentos, constituição do *corpus* (organizado a partir de registros escritos, orais, reflexíveis, dentre outros) e preparação do material; b) Exploração do Material, que consiste em fazer o levantamento das unidades de registro e unidades de contexto, sendo essa última composta por eixos temáticos; por fim, c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação, cuja etapa é composta por categorização, descrição e análise dos dados a partir de inferências e interpretações.

Em relação à estrutura textual, esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro versa sobre o espaço social e o sujeito da pesquisa através da metodologia de análise do conteúdo e a importância do espaço da biblioteca na formação dos leitores. Aponta que a leitura, além de proporcionar prazer, é uma ferramenta indispensável se quisermos fazer parte de uma sociedade com capacidade para ser realmente livre e atuante.

No segundo capítulo, apresentamos uma análise da pesquisa, a partir de perspectivas históricas e políticas das bibliotecas escolares, conforme contexto das bibliotecas escolares como espaço de aprendizagens e de interação com os componentes curriculares: letramento e formação de alunos leitores do Colégio Estadual Jardim América. Traz também a análise da percepção das professoras da área de Linguagem sobre o espaço e a organização na biblioteca João Bosco de Castro do Colégio Estadual Jardim América, articulação entre biblioteca escolar

e rotina da escola, bem como o papel da biblioteca na formação de alunos leitores.

No terceiro capítulo, expomos a biblioteca como espaço de formação de consciência leitora, buscando uma viagem teórico-crítica e colocando ao centro o termo biblioteca. A partir desse vocábulo como metáfora de um lugar de fala, analisamos o romance de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup, *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*. A aventura mal começa, mas o leitor já se vê mergulhado num grande mistério. Quem é Bibbi e que biblioteca mágica é essa? Em *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, o grande herói é o livro e sua história, numa trama cheia de suspense e aventura.

I. PERCURSO E SUJEITOS DA PESQUISA

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo.

Paulo Freire

Neste capítulo, apresentamos nosso objeto de pesquisa, bem como os sujeitos diretamente envolvidos nesse contexto, atentando para a biblioteca como lugar de construção de falas. Tratamos também, de forma analítico-crítica dos conteúdos levantados na pesquisa, em conformidade com os propósitos gerais do trabalho.

1.1 O espaço social da pesquisa: Biblioteca João Bosco de Castro do Colégio Estadual Jardim América

Doada pelo Secretário de Educação e Cultura, deputado José Alves de Assis, e inaugurada em 30 de setembro de 1977, na gestão da então diretora Irene de Freitas Ribeiro, a biblioteca João Bosco de Castro pertence ao Colégio Estadual Jardim América que foi fundado no ano de 1977 e está situado no setor Jardim América em Goiânia (GO). Devido à localização da escola, é facilitado o acesso de estudantes de diversos bairros da região metropolitana.

A unidade escolar conta com 14 salas de aula, que comportam em média 42 alunos cada, uma sala para a banda marcial, uma quadra coberta para a prática de diversos esportes, uma quadra de areia, sala de professores, sala de coordenação, cozinha estruturada para preparo do lanche dos alunos, sala de recursos multifuncionais -AEE, secretaria e diretoria. O colégio possui, em sua estrutura administrativa, uma diretora, uma secretária geral, três coordenadores pedagógicos, três coordenadores de turno, uma coordenadora administrativo-financeira, três dinamizadores de biblioteca, cinco professoras de apoio à inclusão escolar, uma professora de AEE, 48 professores, cinco auxiliares administrativos, oito auxiliares de serviços gerais, cinco

merendeiras, dois vigias, 1.280 alunos matriculados, subdivididos em três turnos: matutino (ensino médio), vespertino (ensino fundamental e ensino médio) e noturno (Educação de Jovens e Adultos – EJA).

Sendo reconhecida pela Seduc como uma das escolas da rede estadual mais conceituada da grande Goiânia, apresenta um significativo índice de aprovação no Enem e em vestibulares do estado e fora dele, além de significativos desempenhos nas avaliações externas, tais como Saego e Saeb. Durante a pesquisa, percebemos que seus professores e auxiliares são comprometidos com a aprendizagem e o bem-estar dos educandos. Utilizam metodologias que estimulam o convívio social, trabalhando com a organização, disciplina, dedicação e respeito ao ser humano, despertando a criticidade produtiva que enaltece a formação do indivíduo.

A escola também desenvolve vários projetos, tais como: história regional, semana de integração, banda marcial, treinamentos esportivos, projetos interdisciplinares sobre a diversidade em todas as suas nuances, combate ao bullying e fortalecimento do protagonismo juvenil a partir da metodologia agente jovem.

A unidade escolar Jardim América atende as duas modalidades: educação básica (ensino fundamental e ensino médio) e EJA. A comunidade discente provém do próprio setor, de outros bairros de Goiânia e região metropolitana, dependentes do transporte público. Possui perfis variados, pertencentes à classe média-baixa e baixa, a maioria são adolescentes com faixa etária de doze aos dezoito anos, com um grande número de jovens que exercem atividade remunerada no contraturno. No turno noturno, há predomínio do aluno trabalhador, muitos deles responsáveis pelo sustento da família. Uma parte do alunado corresponde a migrantes vindos sobretudo dos estados do Tocantins, Maranhão e Pará.

No seu Projeto Político Pedagógico (PPP), consta, como objetivo geral da unidade escolar, mediar o fazer pedagógico, oportunizando ao educando o acesso à cultura universal e a construção do conhecimento, numa visão crítica, analítica e reflexiva, capacitando-o para o exercício de sua plena cidadania a partir da oferta de um ensino de qualidade, formando cidadãos críticos, politizados, participativos, capazes de interpretar e intervir na realidade (CEJA, 2022).

Ainda no PPP, constam, como objetivos específicos, promover um trabalho integrado entre gestores, equipe pedagógica, corpo docente e discente, pais, associação de bairro e conselho escolar, visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem, bem como as relações interpessoais e humanas; estabelecer diretrizes para uma gestão democrática e

participativa com objetivos claros e bem definidos; proporcionar ao educando uma formação necessária para que ele possa desenvolver suas potencialidades, visando a sua autoestima; criar ambiente de convivência coletiva, incentivando os trabalhos cooperativos, partindo da realidade do aluno, propiciando uma maior integração; desenvolver projetos que visam à excelência do ensino-aprendizagem dos nossos alunos; promover a classificação e reclassificação dos alunos com defasagem idade/série; possibilitar a apropriação do conhecimento, a integração e o fortalecimento da participação da comunidade escolar, efetivando seu envolvimento no processo de tomada de decisões da unidade escolar; promover a integração das atividades técnico-administrativas, docentes e discentes, como reuniões de pais, conselhos de classe, reuniões e/ou encontros pedagógicos, bem como comemorações cívico-sociais; planejar, controlar e avaliar o processo ensino-aprendizagem na sua globalidade; viabilizar e dinamizar o processo de recuperação e avaliação contínua; acompanhar o processo de progressão parcial, respeitando as normas estabelecidas na Lei nº 9.394/96; acompanhar o plano de ação pedagógica para solucionar os problemas de repetência existentes na escola; manter contato com as famílias sempre que forem registradas as faltas frequentes de um determinado aluno e assegurar aos alunos os programas de apoio a eles destinados (CEJA, 2022).

A biblioteca está inserida nos Projetos Institucionais no PPP da unidade escolar, constando como uma das dimensões a serem trabalhadas durante o ano letivo. Nesse sentido, o PPP do Colégio Estadual Jardim América traz:

A biblioteca é de suma importância no contexto escolar, atendendo as exigências do currículo, incentivando o hábito de leitura, desenvolvendo a capacidade da pesquisa, tratando, assim, de aumentar o nível de conhecimento dos seus usuários. Sugere propostas para a organização dos serviços da biblioteca escolar. Os livros são extremamente importantes em nossa formação, são fontes de informações fundamentais no processo de ensino e aprendizado além de ferramentas indispensáveis para a disseminação de conhecimento. (CEJA, 2022)

Ainda no PPP da instituição são estabelecidos como objetivos da biblioteca promover o gosto dos alunos pela leitura, melhorando assim a interpretação e a produção de textos; oportunizar ao aluno o acesso aos diversos gêneros literários; fazer com que os alunos criem o hábito de frequentar a biblioteca; tornar a biblioteca um ambiente de uso prático e efetivo; e ampliar o acesso aos livros através de empréstimos.

Percebemos assim que há uma cultura de planejamento em trabalhos pedagógicos a serem desenvolvidos na biblioteca João Bosco de Castro, do Colégio Estadual Jardim América,

que estimulem a formação de alunos leitores. Existe a compreensão da necessidade de a biblioteca estar inserida em seus projetos institucionais, bem como nas outras áreas que compõem toda a estrutura oferecida pela escola no sentido de desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes dentro de um contexto que seja inclusivo e que valorize as diferentes demandas que se apresentam nas estratégias de planejamento escolar, principalmente no que tange às questões de leitura, interpretação e produção textual.

Entretanto, o que se objetiva é a compreensão de como esses projetos de fato têm contribuído para a formação de alunos leitores a partir das concepções das professoras das disciplinas Língua Portuguesa, Literatura, Produção Textual, Espanhol e Inglês, apontadas no PPP como responsáveis pela elaboração, mediação e execução dos projetos desenvolvidos pela biblioteca da escola, tendo como suporte os dinamizadores que são responsáveis pela organização e disposição dos livros, empréstimos, controle do acervo e orientação aos estudantes que buscam a biblioteca.

A proposta inicial desta pesquisa seria desenvolver um projeto para a biblioteca escolar que envolvesse professores e alunos e os levasse a identificar a importância do espaço da biblioteca na formação dos futuros leitores e compreender que a leitura, além de proporcionar momentos de lazer, caracteriza-se como uma ferramenta indispensável para a formação do aluno leitor. Porém, o projeto precisou ser alterado em virtude da pandemia de Covid-19. Isso porque, em 11 de março de 2020, a OMS declarou que o surto de pneumonia detectado em Wuhan, na China, havia chegado ao Brasil e que a disseminação comunitária da Covid-19 estava caracterizada como pandemia. Então, para contê-la, a OMS recomendou três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social.

O Ministério da Saúde, juntamente com o Ministério da Educação e Conselho Nacional da Educação, editou portarias declarando emergência em saúde pública de importância nacional e regulamentando a suspensão das atividades escolares presenciais. Desde 17 de março de 2020, através da Portaria nº 343 do MEC, as aulas presenciais foram substituídas por aulas em meios digitais, a partir do ensino remoto emergencial, enquanto durasse a situação de pandemia de Covid-19 pelo novo coronavírus.

Portanto, os profissionais da educação tiveram de repensar todo o planejamento para o ano de 2020. Não diferente do cenário mundial, o Estado de Goiás também precisou desenvolver políticas estatais de contenção da disseminação da doença. Entre essas medidas, estava a suspensão de aulas presenciais em todos os níveis e modalidades de ensino, nas redes

públicas e privadas.

A suspensão das aulas presenciais expôs alguns problemas e como exemplo podemos citar que as instituições de ensino não estavam preparadas para lidar com aulas remotas, nem do ponto de vista das tecnologias e nem do preparo pedagógico para planos e acompanhamento dos alunos. Tudo se tornou novo e ao mesmo tempo um desafio, já que não havia tempo para esse preparo, tanto para formação dos professores e alunos quanto para as novas demandas educacionais. As habilidades e domínios para essa nova realidade tiveram de acontecer em meio ao processo, ou seja, aprender fazendo. Essas realidades fizeram com que a gestão das escolas se preocupasse em formular um planejamento que não fosse homogêneo e que conseguisse atender todos os alunos.

A Covid-19, infelizmente, tornou-se uma realidade e afetou sobremaneira a vida da comunidade mundial no ano de 2020. A suspensão das aulas presenciais como mecanismo para evitar a contaminação configurou-se como um grande dilema para a educação. Compreendemos que oferecer aos estudantes uma educação de qualidade, com o mínimo de prejuízos de aprendizagem, e ainda atender todos os sujeitos educativos em suas especificidades são um desafio diário.

Acreditamos, porém, que um trabalho realizado de forma democrática e participativa, com o envolvimento da comunidade escolar e respeitando as adversidades surgidas nesse momento crítico para a população de um modo geral, torna o processo de ensino-aprendizagem possível e, ao mesmo tempo, menos penoso para todos os envolvidos. É nesse contexto que os Grupos Gestores da Rede Estadual de Ensino apresentaram sua metodologia de trabalho minuciosamente elaborada para o Regime Especial de Aulas Não Presenciais-REANP, seguindo orientações da Seduc-GO. Então, tornou-se necessário formular um planejamento que não fosse homogêneo e que conseguisse atender todos os alunos. Nesse sentido, houve levantamento de dados e as atividades pedagógicas foram direcionadas a atender as diversas realidades existentes entre os discentes. Assim, não tivemos somente um modelo de ensino-aprendizagem durante o REANP, mas três modelos para atender os estudantes, ou seja, para quem tinha acesso irrestrito à internet, para os que só possuíam WhatsApp e os estudantes que não possuíam nenhuma forma de acesso.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021) e a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021):

Após um surto de um novo Coronavírus (COVID-19) na cidade de Wuhan, província de Hubei da China, ocorreu uma rápida disseminação comunitária, regional e internacional com um crescimento exponencial de casos e mortes. Em 30 de janeiro

de 2020, o Diretor-Geral (DG) da OMS declarou o surto COVID-19 uma emergência de saúde pública de interesse internacional (PHEIC) ao abrigo do Regulamento Sanitário Internacional (RSI) (2005). O primeiro caso nas Américas foi confirmado nos EUA em 20 de janeiro de 2020 e o Brasil relatou o primeiro caso para a América Latina e Caribe em 26 de fevereiro de 2020. Desde então, a COVID-19 se espalhou por 50 países e territórios nas Américas. (OPAS, 2021).

Nesse sentido, a OPAS e a OMS ativaram equipes regionais e nacionais do sistema de gestão de incidentes para fornecer resposta direta a emergências aos Ministérios da Saúde e outras autoridades nacionais para vigilância, capacidade laboratorial, serviços de apoio à saúde, controle de prevenção de infecção, gestão clínica e comunicação de risco, tudo alinhado com ações prioritárias.

Foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pela OMS em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19). Também foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) pela Portaria n° 188/GM/MS, de 4 de fevereiro de 2020.

O disposto na Lei n° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, estabelece medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. No Art. 2° para fins do disposto nesta Lei, considera-se:

I - isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus; e

II - quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus. (BRASIL, 2020)

Portanto, diante da gravidade da Covid-19, foi preciso manter isolamento, quarentena e distanciamento social para reduzir o risco de transmissão da doença e conseqüentemente o número de mortes.

No Brasil, o Ministério da Saúde assim conceitua a Covid-19:

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O vírus pode ser transmitido durante um aperto de mão (seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), por meio da tosse, espirro e gotículas respiratórias contendo o vírus. A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, até quadros moderados, graves e

críticos, sendo necessária atenção especial aos sinais e sintomas que indicam piora do quadro clínico que exijam a hospitalização do paciente. (BRASIL, 2021).

Nesse sentido, diante da emergência e gravidade ocasionada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e o reconhecimento de pandemia pela OMS, pela ESPII e pela ESPIN, o Ministério da Saúde tem estabelecido sistematicamente medidas para resposta e enfrentamento da Covid-19.

Entre as medidas indicadas pelo Ministério da Saúde, estão as não farmacológicas, como distanciamento social, etiqueta respiratória e de higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados e quarentena dos contatos dos casos de Covid-19, conforme orientações médicas (BRASIL, 2021).

Então, a Portaria nº 454, de 20 de março de 2020, declarou, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (Covid-19) conforme os seguintes regulamentos:

Art. 1º Fica declarado, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (covid-19).

Art. 2º Para contenção da transmissibilidade do covid-19, deverá ser adotada como medida não-farmacológica o isolamento domiciliar da pessoa com sintomas respiratórios e das pessoas que residam no mesmo endereço, ainda que estejam assintomáticos, devendo permanecer em isolamento pelo período máximo de 14 (quatorze) dias.

No parágrafo único considera-se pessoa com sintomas respiratórios a apresentação de tosse seca, dor de garganta ou dificuldade respiratória, acompanhada ou não de febre, desde que seja confirmado por atestado médico. (BRASIL, 2020).

O Ministério da Educação, por meio dos Pareceres nº 5/20 CNE/CP (BRASIL, 2020), nº 9/20 CNE/CP (BRASIL, 2020) e nº 11/20 CNE/CP (BRASIL, em 18 de março de 2020) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da Covid-19.

Em decorrência deste cenário, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções e/ou pareceres orientadores para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais.

Em 20 de março de 2020, o Congresso Nacional aprovou o Decreto Legislativo nº 6, que reconhece, para os fins do artigo 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da

República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020.

Em 1º de abril de 2020, o Governo Federal editou a Medida Provisória nº 934, que estabelece normas excepcionais para o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

Em 3 de abril de 2020, o MEC publicou a Portaria nº 376, que dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio enquanto durar a situação de pandemia da Covid-19. Em caráter excepcional, a Portaria autoriza, tanto as instituições integrantes do sistema federal de ensino quanto os cursos de educação profissional técnica de nível médio em andamento, a suspender as aulas presenciais ou substituí-las por atividades não presenciais por até 60 dias, prorrogáveis a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital.

Assim, em 17 de abril de 2020, o CNE publicou edital de chamamento de consulta pública sobre texto de referência do presente Parecer que trata da reorganização dos calendários escolares e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da Covid-19.

No caso da educação nacional, em todos os níveis e modalidades, os estados, municípios e federação vêm orientando as redes públicas e as instituições particulares no sentido de ampliar balizas legais que permitam a flexibilização em torno da adoção da oferta educacional não presencial, de forma a aprimorar medidas de qualidade ao aprendizado, ao tempo em que se amplia, também, a longevidade dessas medidas.

Assim, no contexto brasileiro, as aulas presenciais foram suspensas em todo o território nacional e essa situação, além de imprevisível, seguiu ritmos diferenciados nos diferentes estados e municípios, a depender da extensão e intensidade da contaminação pela Covid-19.

Dessa maneira, para evitar perda do ano letivo e manter o vínculo com os estudantes e seus familiares, os professores passaram a ministrar as aulas de forma remota. Foi preciso organização das instituições de ensino para a utilização de diversas ferramentas metodológicas para transmitir as aulas virtuais síncronas e assíncronas com a utilização destas ferramentas *Zoom, Meet, Google for Education, Google Classroom*, entre outras.

Portanto, com a intensificação do uso da tecnologia como ferramenta metodológica de ensino, os(as) professores(as) tiveram de reinventar sua prática pedagógica elaborando planos de de ações, utilizando diversas metodologias, funções e plataformas, considerando o contexto remoto e de pandemia.

A substituição das aulas presenciais pelo ensino remoto contribuiu para reflexão sobre o fazer e como fazer para ensinar no contexto social inédito de pandemia da Covid-19. Para lidar com essa nova perspectiva de ensino, foram essenciais promoção e adaptação para o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem para replanejar, ressignificar e readequar as práticas escolares e desenvolver novas metodologias de ensino.

O ensino remoto vem a ser a transmissão das aulas em tempo real, ou seja, aulas ao vivo onde é possível disponibilizar e compartilhar o conteúdo de maneira on-line. Nesse sentido, professores utilizaram ferramentas digitais como vídeos, listas de exercícios e materiais didáticos para elaborar as aulas de acordo com a nova realidade educacional e assim se aproximar dos educandos.

Também foi desenvolvido o ensino remoto sem o uso da tecnologia, para o qual foram elaboradas propostas e atividades que buscaram maneiras de educar e atender a pluralidade e a falta de acesso aos recursos tecnológicos devido à desigualdade social que estrutura a sociedade em nosso país. Assim, foram ofertadas acolhidas, atividades impressas, devolutivas e orientações pedagógicas para que os alunos sem acesso às tecnologias digitais pudessem acompanhar as aulas.

Portanto, a escola teve de encontrar meios para se adaptar e encarar a realidade por meio do exercício da prática tecnológica digital no processo ensino-aprendizagem, considerando o contexto de pandemia da Covid-19.

De acordo com Charczuck (2020), a definição de ensino remoto se aproxima do que é apresentado por Bozkurt e Sharma (2020), quando se referem ao ensino remoto de emergência, caracterizando-o como uma solução temporária para uma problemática que se instala de modo imediato. Os autores mencionam, ainda, que a solução pode se apropriar de forma original e criativa de recursos e experiências desenvolvidos no âmbito da EaD, pois não podemos tratá-los de forma equivalente (BOZKURT; SHARMA, 2020 apud CHARCZUCK, 2020, p. 5).

Os professores utilizaram, no processo de ensino-aprendizagem, práticas pedagógicas mediadas por ferramentas digitais como slides, vídeos, listas de exercícios e materiais didáticos para elaborar as aulas de acordo com a nova realidade educacional e assim se aproximar dos alunos da escola.

O MEC, mediante Parecer nº 19, autorizou aulas não presenciais até dezembro de 2021, conforme a seguinte homologação:

CP/CNE, que definiu as Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, consoante o Projeto de Resolução a ele anexo, conforme consta do Processo nº 23001.000334/2020-21. (BRASIL, 2020, p.106)

A suspensão das aulas presenciais como mecanismo para evitar a contaminação pela Covid-19 tornou-se um grande dilema para a educação. Compreendemos que oferecer aos estudantes uma educação de qualidade, com o mínimo de prejuízos de aprendizagem e ainda atender todos os sujeitos educativos em suas especificidades, tornou-se um desafio.

A organização do trabalho pedagógico, nesse período, teve de ser realizado de forma democrática e participativa, com o envolvimento da comunidade escolar e respeitando as adversidades surgidas nesse momento crítico para a população de um modo geral, tornando o processo ensino-aprendizagem possível e, ao mesmo tempo, menos penoso para os envolvidos. É nesse contexto que a gestão escolar do Colégio Estadual Jardim América apresentou sua metodologia de trabalho elaborada para o REANP e seguindo orientações da Seduc-GO.

Nesse sentido, tornou-se necessário formular um planejamento que não fosse homogêneo e que conseguisse atender todos os alunos e alunas. Houve um levantamento de dados e as atividades pedagógicas foram direcionadas a atender as diversas realidades existentes entre nossos estudantes. Assim, não temos um modelo de ensino-aprendizagem durante o REANP, mas três modelos para atender o estudante que tem acesso irrestrito à internet, os estudantes que só possuem *WhatsApp* e os estudantes que não possuem nenhuma forma de acesso.

O trabalho pedagógico foi desenvolvido a partir da integração da gestão da escola, coordenadores pedagógicos, coordenadores de turno e professores. A equipe gestora, formada pela direção, coordenação pedagógica e coordenação de turno, se reuniu duas vezes por semana para planejamento de ações, definição de calendários internos, acompanhamento das atividades previstas e socializar diversas questões, como demandas da Secretaria de Educação, trabalho dos professores e desenvolvimento dos alunos.

Uma vez por semana foram realizadas reuniões com os professores para repasses de informações e de propostas de atividades, bem como para ouvi-los em relação às demandas pedagógicas. Foram nessas reuniões que discutimos, caso a caso, os possíveis problemas relacionados aos alunos, bem como estabelecemos metas de trabalho e propomos soluções para os problemas que iam surgindo.

A coordenação pedagógica sempre que necessário se reuniu com os professores para atendimento individualizado e de orientação em relação aos planos de estudo e roteiros de atividades. No mesmo sentido, houve a preocupação em se reunir por área do conhecimento para propostas de atividades interdisciplinares. Durante as duas primeiras semanas do mês de agosto, a escola desenvolveu formação para os professores em várias demandas, tais como *Google Meet*, *Google Classroom*, Edição de Vídeos, Formatação de Planos, *Google Drive* e Formulários. Foi elaborado um novo horário de aula para atender as séries e dessa forma organizar o horário de estudos dos alunos nesse período. Da mesma forma, foi organizado um horário específico para as aulas on-line via aplicativo *Google Meet*.

Os alunos recebiam, quinzenalmente, um plano de estudo por disciplina, no qual constavam o conteúdo, eixo temático, habilidades, metodologia de ensino e de avaliação para aquele período. Da mesma forma, recebiam um roteiro de atividades e textos de apoio. Esse material era postado no blog da escola, criado especialmente para esse momento, e nos grupos de *WhatsApp* das turmas e eram realizadas chamadas diárias nas turmas, via *WhatsApp*, e salas de aulas dos professores no *Google Classroom*. Além disso, organizamos e orientamos o trabalho com os alunos dentro dos seguintes eixos:

A- Plano de Estudo:

- Elaborado conforme modelo enviado pela coordenação pedagógica, contendo unidade temática, habilidades, objetos do conhecimento, metodologia de ensino e de avaliação, bem como sugestão de links e textos de apoio aos conteúdos.
- O período corresponde ao SIAP (sistema de planejamento da Seduc-GO).

B- Roteiro de Atividades:

- Quantidade de questões por disciplina:
 - Língua Portuguesa e Matemática: 10 a 12 questões
 - Biologia, Ciências, Química, Física, História, Geografia: 4 a 6 questões
 - Sociologia, Filosofia, Estudo Orientado, Ensino Religioso, Arte, Espanhol, Educação Física, Inglês, Geometria, Produção de Texto, Projeto de Vida, Projeto Banda e Eletivas: 2 a 4 questões.

C- Aulas on-line

- Seguiam horário enviado pela coordenação, de acordo com esta quantidade:
 - Língua Portuguesa e Matemática: 3 aulas semanais
 - Biologia, Química, Física, História, Geografia, Educação Física (1ª série), Inglês (2ª série): 1 aula semanal

- Sociologia, Filosofia, Produção de Texto, Projeto de Vida, Inglês, Espanhol, Educação Física, Arte, Geometria e Eletivas: 1 aula quinzenal.

D- Vídeos para *WhatsApp*

- Duração máxima de 5 minutos por vídeo:
- Postados uma vez por semana seguindo um cronograma da coordenação pedagógica.

E- Planilhas de acompanhamento dos alunos

- Eram colocadas planilhas para cada período do plano de estudo e roteiro de atividades.
- Os professores atualizavam as planilhas, marcando os alunos que estavam realizando as propostas de atividades, conforme data preestabelecida pela coordenação.

F- *Google Classroom*

- As atividades na sala eram organizadas por período no primeiro dia da quinzena e seguiam rigorosamente o roteiro de atividades.
- Os alunos postavam as atividades conforme organização dos professores.

G- Grupos de *WhatsApp*

- Grupos da coordenação pedagógica e de turno com representantes;
- Grupos da coordenação nas turmas;
- Grupos de professores com os representantes por série;
- Grupos de professores com as turmas.

Para desenvolver uma metodologia do nosso trabalho pedagógico em tempos de pandemia, dividimos o trabalho em etapas. Primeiramente, a escola teve de fazer um levantamento da situação de todos os alunos nesse momento de pandemia. Nesse esforço, identificamos três grupos:

- Grupo 1- Alunos com acesso à internet banda larga ou 4G no celular;
- Grupo 2- Alunos que só possuem acesso ao WhatsApp;
- Grupo 3- Alunos que não possuem nenhum tipo de acesso à internet.

Após a identificação desses três grupos, passamos para a etapa de elaborar um modelo de planejamento pedagógico que atendesse satisfatoriamente todos, garantindo assim a democratização do acesso ao ensino a todos os estudantes matriculados em nossa unidade escolar.

Grupo 1- Alunos com acesso à internet banda larga ou 4G no celular: esse grupo representava cerca de 50% dos estudantes da escola. Antes mesmo da pandemia, no início do ano letivo de 2020, a escola conseguiu de forma gratuita uma conta no *Google Suite For Education*. O fato de ter e-mail institucional e *drives* com dados ilimitados para todos os professores facilitou o trabalho com esse grupo de alunos. O trabalho foi organizado e sistematizado da seguinte forma:

- ✓ Criação de salas de aula no *Google Classroom*, onde todos os alunos foram alocados com e-mail institucional;
- ✓ Aulas on-line diariamente no *Google Meet*;
- ✓ Postagem de vídeos dos professores, gravação das aulas e vídeos de apoio de outras plataformas;
- ✓ Postagem das atividades e trabalhos de pesquisa dos alunos na plataforma do *Classroom*;
- ✓ *Blog* público para acesso a todas as atividades e planos de estudos.

Grupo 2- Alunos que só possuem acesso ao *WhatsApp*: faziam parte desse grupo cerca de 40% do nosso alunado. Para a especificidade da situação desses alunos, desenvolvemos metodologia própria, tais como:

- ✓ Postagem de todos os planos de estudos e das atividades nos grupos de *WhatsApp* das turmas;
- ✓ Videoaulas gravadas pelos professores com auxílio de *power point* e outros instrumentos, postadas semanalmente conforme cronograma feito pela coordenação pedagógica;
- ✓ Professores presentes e atuantes nos grupos de *WhatsApp* das turmas para esclarecimentos de dúvidas.
- ✓

Grupo 3- Alunos que não possuem nenhum tipo de acesso à internet: esse grupo de alunos, apesar de ser em menor número, causou grande preocupação. Nesse sentido, houve contato com os alunos e responsáveis por ligações telefônicas. Para esse grupo de alunos, foram tomadas as seguintes medidas:

- ✓ Entrega dos planos de estudos e roteiro de atividades impressas na escola;
- ✓ Devolução das atividades também na escola para correção dos professores;
- ✓ Monitoramento diário por parte da coordenação de turno, pois esse grupo foi considerado o mais vulnerável para risco de evasão escolar.

Percebemos a necessidade de oferecer formação para que os professores conseguissem

minimamente dominar as ferramentas usadas nas aulas remotas. A falta de preparo estava gerando um desgaste emocional dos professores que não possuíam domínio nas plataformas digitais ou que dominavam apenas parte delas. Outro problema gerado pela falta de formação era a discrepância de qualidade nas aulas oferecidas dependendo da capacidade do professor com as tecnologias, o que resultava comparação dos alunos e uma certa aflição por parte dos professores.

O curso de formação de professores do Colégio Estadual Jardim América em TDICs foi organizado pelas coordenações pedagógicas e um grupo de professores que tinha domínio das áreas que iria oferecer as oficinas. Foi criado um *blog* apenas para a formação, no qual os professores se inscreveram em pelo menos três oficinas semanais.

Os professores que estavam na organização se revezaram nos turnos matutino e vespertino conforme uma programação preestabelecida. As oficinas ocorreram na plataforma *Google Meet* e versavam sobre temas do dia a dia da rotina escolar nesse período, como *Google Classroom*, *Google Meet*, formulários, formatação de planos e gravação e edição de vídeos. Essa formação foi muito importante para acalmar os professores, gerando menos ansiedade com o preparo e execução do planejamento, além de ter melhorado a qualidade das aulas.

O planejamento é um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação da situação original. O planejamento no Colégio Estadual Jardim América teve por objetivo principal articular o trabalho administrativo com o pedagógico, pois o coletivo concebe o planejamento de forma participativa, sendo um momento de reflexão da equipe para proporcionar um melhor atendimento dos nossos alunos e comunidade e, conseqüentemente, estabelecer uma relação de confiança com os alunos e comunidade.

Segundo Vasconcellos (2002, p. 43), “um dos grandes desafios da instituição ou do sujeito é justamente chegar a uma ação que seja eficaz, inovadora, tendo como referência um projeto de emancipação humana”. O planejamento é um elemento indispensável para organizarmos as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão.

O plano de aula é uma tarefa indispensável para o professor, pois o plano é um instrumento em que o professor organiza as situações docentes, ou seja, organiza os meios necessários para que possibilite aos discentes o desenvolvimento de habilidades e competências. O plano de aula é o detalhamento do plano de ensino (conforme a bimestralização dos conteúdos e as orientações das Diretrizes da Secretaria Estadual de

Educação). Deve ser um documento escrito que terá como objetivo orientar o professor em sua ação no processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, na possibilidade de constantes revisões e aprimoramento profissional.

Para atender ao REANP, o cronograma anual foi reformulado pela Seduc-GO, passando o ano letivo a ser dividido em modo trimestral em três períodos chamados ciclos, sendo: 1º ciclo: período de aulas presenciais do dia 30 de janeiro até o dia 15 de março; 2º ciclo: período de aulas não presenciais do dia 18 de março até 31 de agosto; 3º ciclo: período entre 1º de setembro até 19 de dezembro.

Durante o REANP, a Seduc-GO reorganizou o calendário escolar em três ciclos, ao invés dos quatro bimestres. A avaliação nesse período ganhou um caráter mais qualitativo do que quantitativo e partiu das premissas de entrega de atividades dos alunos nas plataformas do *Google Classroom* das disciplinas, bem como das atividades entregues na escola, participação nas aulas on-line, frequências realizadas via grupos de *WhatsApp* e verificação de aprendizagem realizada mensalmente via *Google Forms*.

1.2 Sujeitos da pesquisa: entrevistas semiestruturadas e o método qualitativo

A pesquisa foi realizada com as professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América e com a gestora da Seduc e uma técnica responsável pelos projetos das bibliotecas no âmbito da rede. Na escola, as entrevistas foram realizadas com as professoras que ministram as disciplinas Língua Portuguesa, Literatura, Produção Textual, Espanhol e Inglês nos três turnos da unidade escolar. Ressaltamos que, das sete professoras eleitas para a pesquisa, seis aceitaram participar das entrevistas. Vale ressaltar que, dentro da carga horária, essas professoras ministram mais de uma disciplina.

As entrevistas foram realizadas de forma individual em profundidade e semiestruturadas com o objetivo de compreender a percepção das professoras em relação à importância da biblioteca escolar na formação de alunos leitores. Importante destacar que a pesquisa com as professoras teve o intuito de corroborar a perspectiva teórica que se apresenta neste trabalho.

Ambas as entrevistadas da Seduc são docentes do quadro efetivo, sendo a gestora graduada em História, com especialização na área de História e mestrado em Ciência da Religião, com foco na História Cultural. No presente momento, encontra-se como gestora da Seduc e docente de um curso de pós-graduação *lato sensu*.

Sobre o perfil das professoras entrevistadas, três são graduadas em Letras Modernas, duas em Letras, com habilitação em Português e Inglês, e uma professora em Letras, com

habilitação em Português e Espanhol. Cinco professoras são do quadro efetivo da Seduc, uma professora possui contrato temporário, e estão lotadas apenas no Colégio Estadual Jardim América. Das professoras do quadro efetivo, duas atuam na referida unidade escolar há 23 anos; uma, 22 anos; uma, 10 anos; uma, 5 anos. Dessa forma, são professoras que possuem amplo conhecimento do perfil do alunado e das características políticas, sociais, filosóficas e pedagógicas inseridos no PPP da instituição. Ressaltamos que a professora em regime de contrato temporário entrou para o quadro de professores da unidade escolar recentemente.

A pesquisa individual em profundidade é uma técnica qualitativa que tem como princípio a exploração de um assunto para a busca de informações a fim de analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Tem como principal característica o fato de permitir flexibilidade ao entrevistado para definir suas respostas e ao mesmo tempo permitir ao pesquisador ajustar as perguntas. Para Duarte (2005), a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer, tornando-se uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade, tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado quanto para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

As entrevistas tiveram por base um roteiro previamente elaborado. Este tipo de entrevista possui um caráter aberto em que o entrevistado responde as questões segundo sua concepção. Porém, não se trata de deixá-lo livre ao falar, sob risco de perder o foco da pesquisa.

Então, as perguntas foram do tipo: em quais aspectos como leitura, escrita, interpretação e análise de texto a biblioteca pode contribuir? Que práticas da biblioteca escolar podem ser consideradas bem-sucedidas? Como você percebe a articulação entre a biblioteca escolar e a rotina da escola? Houve mudanças na biblioteca durante seu tempo de atuação na escola? A biblioteca escolar tem contribuído para a qualidade do processo ensino-aprendizagem dos estudantes? Além de questões sobre acervo, a estrutura física e a organização da biblioteca nortearam o processo da pesquisa empírica.

A opção para análise desse material se deu pelo método de pesquisa qualitativa por compreender as possibilidades de uma melhor condição de análise do conteúdo, considerando obviamente todos os riscos que se correm ao fazer essa escolha, sobretudo no que tange à questão da subjetividade.

Segundo Martins (2004), a pesquisa qualitativa é tida como método que privilegia a

análise de microprocessos, através do estudo das ações individuais centrais e grupais, caracterizando-se pela heterodoxia no momento da análise por conta da variedade de material que geralmente é coletado, exigindo do pesquisador capacidade integrativa e analítica. Para a autora, na metodologia qualitativa, é de fundamental importância a capacidade teórica e metodológica do pesquisador.

Para Melucci (2005), a necessidade da qualidade perpassa as relações sociais e é caracterizada pelo processo de individualização das sociedades, pela importância da vida cotidiana como espaço onde os sujeitos constroem as ações e atribuem sentido a elas. É caracterizada também pelos processos sociais ligados ao consumo e ainda pelos processos de diferenciação que enfatizam diferenças culturais, territoriais e individuais.

Em todos estes pontos emergiram interesses pela pesquisa qualitativa, pois é um método mais próximo da experiência da vida cotidiana e do campo do agir dos atores sociais. Melucci(2005, p. 30) afirma que uma das definições para a escolha da pesquisa qualitativa é a “implícita e latente busca de relações”.

Pedro Demo (2004), no livro *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*, apresenta como principal discussão as questões que permeiam a credibilidade científica da pesquisa qualitativa. Para o autor, a pesquisa qualitativa caracteriza-se principalmente por utilizar temas que se preocupam mais pela intensidade do que pela extensão dos fenômenos. Afirma também que qualidade e quantidade são faces diferenciadas do mesmo fenômeno, mas que “o método de captação não pode ser mais importante do que a realidade a ser captada” (Ibidem, p. 105).

Já os métodos qualitativos estão diretamente ligados à pesquisa social e permitem vislumbrar a ação social como capacidade dos atores de construir sentido às suas ações, deixando de ser apenas comportamento, mas construção de significados. São apropriados quando o fenômeno de estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação. São utilizados também quando o contexto social e cultural são elementos importantes para a pesquisa. Os métodos qualitativos exigem a observação, o registro e a análise de interações reais entre pessoas.

A principal característica da pesquisa qualitativa é o fato de examinar aspectos mais subjetivos do objeto de pesquisa. Os métodos qualitativos são menos estruturados, o que permite um relacionamento mais flexível entre o pesquisador e os entrevistados. Ao lidar com questões mais subjetivas, lida-se também com uma maior amplitude e riqueza de detalhes do que nos métodos quantitativos, o que não significa que os resultados produzidos por pesquisas

qualitativas são apenas de caráter subjetivo devido à proximidade entre pesquisador e atores sociais (MARTINS, 2004).

Entretanto, a relação entre pesquisadores e atores sociais pode constituir-se problema metodológico no próprio processo de interpretação, como também pode significar uma oportunidade para observar aspectos pouco evidentes do fenômeno em estudo.

Percebemos, com este estudo, que na perspectiva do método qualitativo a construção do conhecimento é um processo contínuo. É fundamental que o pesquisador, ao definir este método como o mais viável para seu projeto de pesquisa, tenha domínio teórico-epistemológico sobre o que norteia a busca pela qualidade, tendo em vista os questionamentos que são postos.

1.3 Opção pela análise do conteúdo – metodologia

Escolher uma técnica de análise de dados significa, de certa forma, escolher uma metodologia de interpretação. A análise de conteúdo é uma possibilidade de organização e análise de dados de uma pesquisa qualitativa. É, pois, uma técnica que possibilita trabalhar os dados coletados com o objetivo de identificar o que está sendo dito a respeito de um determinado tema, permitindo que seu foco seja qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinados objetos e seus fenômenos.

Nesse modelo de análise, buscamos compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás das mensagens. Bardin (2006) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais e demarcando o que será analisado, formulando categorias explicativas e objetivos. A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste na exploração do material com a identificação das unidades de significação. A fase do tratamento dos resultados é importante, pois possibilita interpretações e inferências. Essa é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao material coletado, submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos (BARDIN, 2006).

Seguindo os critérios da análise de conteúdo, foram adotados procedimentos importantes na preparação das entrevistas para análise. Primeiramente, a transcrição e a leitura minuciosa das entrevistas a fim de corrigir erros e excluir respostas que pudessem ter sido induzidas. Depois, as entrevistas foram fragmentadas e reorganizadas a partir de pressupostos,

ou seja, as falas foram organizadas a partir de unidades de significação, para que fossem interpretadas, articulando-as entre si, tendo por objetivo averiguar as hipóteses explicativas sobre o universo estudado. As categorias de análise articulam as unidades de significação a partir de fragmentos das entrevistas que tenham relação.

Como se trata de entrevistas semiestruturadas, a opção foi por análises temáticas. Este recurso possibilita agrupar e organizar o conjunto de informações por eixos temáticos, articulando-os aos objetivos centrais da pesquisa. Temos como eixos centrais os sentidos atribuídos à importância da biblioteca escolar na formação de alunos leitores e de como o letramento auxilia no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, bem como nos objetivos colocados pela instituição no seu Projeto Político Pedagógico.

Isso implica a construção de um novo texto, que articula as falas dos diferentes informantes, promovendo uma espécie de “diálogo artificial” entre elas, aproximando respostas semelhantes, complementares ou divergentes de modo a identificar recorrências, concordâncias, contradições, divergências etc. Esse procedimento ajuda a compreender a natureza e a lógica das relações estabelecidas naquele contexto e o modo como os diferentes interlocutores percebem o problema com o qual ele está lidando. (DUARTE, 2004, p. 221)

A análise da pesquisa tendo como referencial o estudo das percepções das professoras nos permite investigar como se formam e como funcionam os sistemas de referência que as professoras utilizam ao analisar e avaliar a dinâmica da biblioteca escolar no cotidiano de suas disciplinas e no desenvolvimento da leitura, interpretação e produção textual de seus alunos. Nesses termos, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, essas percepções constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na formação de alunos leitores a partir de projetos específicos da biblioteca escolar e na sua correlação com as disciplinas da área de Linguagens.

É importante frisar que a entrevista com a gestora e a técnica da Seduc tiveram por objetivo compreender se existem políticas públicas específicas para implantação das bibliotecas escolares, renovação do acervo e critérios para lotação e formação continuada de dinamizadores. Ao pesquisarmos sobre a importância da biblioteca na formação de alunos leitores, essas informações são pertinentes no sentido de oferecer elementos que pudessem embasar os limites e possibilidades financeiras e estruturais para a organização da biblioteca escolar.

Em relação às entrevistas, algumas perguntas foram formuladas antes, a partir de referências conceituais, enquanto outras emergiram da própria entrevista. As categorias de análise foram escolhidas pela identificação de temas recorrentes nos discursos dos

entrevistados. O intuito foi dar sentido ao conteúdo das categorias de análise em que se encontram as unidades de significação, tendo como referência os objetivos da pesquisa.

As entrevistas com a gestora e a técnica da Seduc foram tratadas num tópico único, a fim de contextualizar o papel da Secretaria na implementação e na manutenção das bibliotecas. Já as entrevistas com as professoras foram organizadas em unidades de significação e em dois subtópicos. No primeiro tópico, a intenção foi averiguar como as professoras percebem a importância e o espaço da biblioteca, sua organização, estrutura e acervo. No segundo, foi trabalhado como a biblioteca escolar contribui nos processos de ensino-aprendizagem que levam ao letramento e à formação de alunos leitores.

O esforço é no sentido de aliar a concepção das professoras com a análise do conteúdo dentro da metodologia de pesquisa qualitativa. Tomamos ambas como processo de interpretação da realidade que refletem comportamentos e práticas sociais dos sujeitos porque possuem em comum o fato de serem mecanismos de estudo para os processos de comunicação, processos esses que contribuem para a formação dessas percepções. Vale ressaltar que o trabalho de análise de conteúdo das percepções das professoras está ancorado nas referências da literatura sobre a importância da biblioteca escolar para a formação de alunos leitores.

1.4 Revisão de literatura e a interface entre biblioteca escolar e aprendizagem: formação de leitores e letramento

Sabemos que uma biblioteca escolar vai além de um espaço de leitura, visto que deve ser colocada à disposição dos professores regentes e da comunidade escolar. Pode tornar-se uma ferramenta poderosa na formação de leitores, sejam esses leitores no início da formação, pré-adolescentes no ensino fundamental ou jovens, no final do ensino médio. Porém, isso se dará através de projetos que visem desenvolver o hábito de leitura nesse espaço, que também é de convivência.

Nossa proposta, neste trabalho, é identificar a importância do espaço da biblioteca na formação dos leitores e compreender que a leitura, além de proporcionar prazer, é uma ferramenta indispensável se quisermos fazer parte de uma sociedade com capacidade para ser realmente livre e atuante.

Sabemos que a biblioteca escolar ainda não é um espaço valorizado dentro da escola, porém, pode contribuir muito com o trabalho docente na formação dos futuros leitores. Para isso faz-se necessário compreender e pensar nos alunos como sujeito leitor que, através da prática da leitura na manipulação do objeto, que é o livro, possa produzir conhecimento dentro

da literatura.

Partindo do pressuposto de que nos tempos atuais a leitura na escola tenha sofrido com a concorrência de outras mídias, devido ao advento das novas tecnologias, é imprescindível uma discussão sobre o papel milenar da biblioteca como instituição pública de formação de grandes e competentes leitores, tomando-a como espaço que possibilite a transformação e emancipação do ser humano. O pouco interesse demonstrado pelos alunos nessa prática pode ser revertido se forem abolidas as metodologias ditas tradicionais. Sabendo que a leitura é algo que nos acompanha no nosso dia a dia, indispensável em nossas vidas, precisamos entender como nos tornamos leitores e como a biblioteca escolar pode contribuir com a formação desse sujeito leitor.

A leitura, conforme os pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito Estético, nos leva a fazer questionamentos: os objetivos propostos para a formação de leitores críticos estão sendo atingidos? O que tem contribuído para gerar o desinteresse e apatia dos alunos pela leitura? Que recursos poderiam ser desenvolvidos pelos professores para obter maior interesse na prática da leitura? Haveria metodologias específicas que possam ser utilizadas pelos professores que contribuíssem para o deslumbramento estético nos alunos a partir de obras literárias? Que atividades concretas poderiam ser desenvolvidas para tornar as aulas de leitura mais interessantes e significativas? Como podemos incluir a biblioteca escolar nessas aulas mais atrativas?

A literatura é uma das manifestações artísticas que possibilitam a transformação e a emancipação do homem e da sociedade. Ela permite ao ser humano o mergulho num mundo defantasia, possibilitando-lhe a reflexão e a catarse, atuando como elemento formador. A literatura possui o poder de humanizar o leitor, como também lhe permitir o prazer do envolvimento integral com o texto.

Conforme adverte Costa (2011), a partir das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jaus (1921-1997), em aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança, tem início a chamada Estética da Recepção, teoria que confere ao leitor a função prioritária da literatura. Uma obra, como construção de linguagem, concretiza-se na relação de interação entre interlocutores, que precisa focar no leitor a possibilidade de recriação estética.

Uma obra não vale por si mesma, mas pela leitura que é realizada dela, pela interação entre ela e o leitor. Para Jaus (1994), o leitor e sua experiência estética assumem novas e privilegiadas posições que implicam uma inovadora fundamentação teórica abordada didaticamente nas sete teses que compõem sua teoria.

A primeira, formulada em 1994, diz respeito à *historicidade da literatura*, que não se relaciona à sucessão de fatos literários, e sim ao diálogo estabelecido entre a obra e o leitor, que se atualiza durante a leitura.

Na segunda tese, também de 1994, Jauss (1994) diz que a expectativa do leitor é que determina sua recepção. Essa recepção se torna um fato social e histórico, pois as reações individuais são parte de uma leitura ampla do grupo ao qual o homem, em sua *historicidade*, está inserido e que torna sua leitura semelhante à de outros homens que vivem a mesma época. Nessa tese, parte-se do conhecimento prévio do aluno, utilizando-se de todas as suas leituras de mundo até chegar ao desconhecido, que, após esse processo, torna-se mais fácil e agradável.

A terceira tese demonstra que o texto pode saciar o horizonte de expectativas do leitor ou incitar o estranhamento e o rompimento desse horizonte, permitindo uma nova percepção da realidade. Conforme Costa (2011), é chamada de distância estética a lacuna entre as expectativas do leitor e a realização delas, o que influenciará o caráter artístico da obra.

Ao apontar para o efeito da obra no leitor, Iser (1996, p. 79) destaca:

Cada perspectiva não apenas permite uma determinada visão do objeto intencionado, como também possibilita a visão das outras. Essa visão resulta do fato de que as perspectivas referidas no texto não são separadas entre si, muito menos se atualizam paralelamente.

Depreendemos dessas reflexões que o texto possibilita não apenas apreciar um objeto, mas também visualizar outras perspectivas, outros modos de ver que se dialogam no interior da obra.

Em sua quarta tese, Jauss (1994) propõe examinar as relações atuais do texto com a época de sua publicação, analisando qual seria o horizonte de expectativas do leitor de então e quais necessidades desse público a obra atendeu.

Desse modo,

A tradição da arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, relação esta em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e “dizer alguma coisa” se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que traz de volta de seu isolamento. (JAUSS, 1994, p. 40)

Na quinta tese, Jauss (1994) aborda o aspecto diacrônico, enfatizando as relações dialógicas presentes na temporalidade, e que deve ser analisada pela sucessão histórica na qual uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu.

A sexta tese de Jauss (1994) fala do aspecto sincrônico, referindo-se aos elementos

externos do texto e a relação obra/leitor, buscando a relação entre as obras que circulam na mesma época. A sincronia é considerada fator importante para a compreensão de um aspecto da historiografia da literatura, pois a comparação de obras de um mesmo período histórico demonstra a “evolução literária” que prioriza um gênero em relação a outros contemporâneos.

Na sétima e última tese, Jauss (1994) coloca em pauta a relação entre a literatura e a vida, que a experiência estética da literatura surgiria da possibilidade de nela se visualizar a prática cotidiana de modo diferenciado.

A experiência da leitura de obra literária causa uma transformação no indivíduo em suas emoções, sensibilidade, conhecimentos, tornando-se um ser diferente do que era antes da leitura. Essa transformação lhe faz ver/perceber/sentir coisas que antes não via/percebia/sentia, enriquecendo esse ser/sujeito/leitor de forma gratificante e proveitosa.

A Teoria da Estética da Recepção foi complementada com os estudos de Wolfgang Iser, que elaborou a Teoria do Efeito, em que busca analisar, por meio da leitura, o efeito (estético) da obra literária no leitor, obrigando-o a diferenciar suas próprias atitudes. A proposta de Iser (1996) enfoca a experiência da leitura de textos literários a fim de elevar a consciência do leitor e reafirmar seu papel como investigador de significados. Com isso, o texto passa a ser visto como um dispositivo a partir do qual o leitor constrói suas representações por meio de suas atividades imaginativas e perceptivas.

A Estética da Recepção e a Teoria do Efeito atribuem ao leitor papel primordial, pois a primeira, na recepção, e a segunda, no efeito, possibilitam a interação com o texto literário. Ou seja, a interpretação não depende só do leitor, uma vez que é estimulada por aquilo que a obra apresenta, embora cada interlocutor vá construir sentidos segundo sua própria experiência.

Sabemos que a verdadeira leitura é aquela que vai além da decodificação, uma vez que o ato de ler é um processo contínuo que leva à reflexão e à análise. A leitura possibilita ampliar horizontes levando o leitor a conhecer outros mundos e, para isso, o gosto pela leitura se dá de diversas maneiras.

Nesse contexto, Carvalho (2005, p. 67) comenta:

Algumas pessoas criam o gosto pela leitura pelo exemplo dos familiares, outras, por influência de professores ou por circunstâncias fortuitas de suas histórias de vida. No entanto, a formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadores por bibliotecários.

Podemos perceber, ainda hoje, que a educação para a formação de leitores continua passando por inúmeras dificuldades. Sendo assim, são necessárias políticas educacionais que visem melhoramento do espaço da biblioteca, seja ela no espaço escolar ou virtual, para que assim a sociedade seja composta de maneira justa e solidária, onde todos tenham oportunidades de acesso aos bens culturais produzidos e deles usufruam em igualdade de condições, pois nossa realidade ainda não é voltada para a formação de leitores. Diante das oportunidades que a leitura oferece, por mais que as condições de acesso sejam precárias e insuficientes, é mais um direito de o aluno ter aquisição da leitura e paixão pela mesma para que assim possam agir, transformare entender a sociedade.

Ao considerar a leitura como um ato importante, precisamos enfrentar situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola e na sociedade. Isso porque ela é plena de saberes sobre o homem e o mundo, como nos mostra Cosson (2012) na fábula do Imperador da China, que, preocupado com o futuro do Império, decide contratar um sábio para ensinar as complexas matérias da arte de governar e preparar seu filho para governar o império quando não pudesse mais. Para que o filho não estudasse sozinho, designou como companheiro o filho da concubina, e como os filhos não poderiam ficar sem auxílio durante as aulas designou um servo para acompanhá-los. Porém, diante da recusa dos três sábios da corte, o imperador decidiu executá-los caso um deles não aceitasse a tarefa. O mais sábio então decidiu explicar ao imperador o motivo da recusa, pois a tarefa era impossível por causa dos alunos:

A tarefa é impossível porque vosso filho favorito, sabendo-se escolhido, acredita que já não precisa de mais nada para ser imperador além do desejo do seu pai. Já seu irmão, aquele que é filho da concubina sem nome, sabendo-se preterido, acredita que em nada modificará sua vida tal conhecimento, uma vez que será sempre o esquecido. O servo, ao contrário de seus senhores, deseja muito aprender, porém nada sabe, e quem nada sabe, nada aprende. Em suma, meu imperial senhor, vós nos destes a missão de ensinar para as mais temíveis inimigas de qualquer educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Separadas, podemos combatê-las e vencê-las, juntas são imbatíveis. (COSSON, 2012, p. 81)

Sabemos que a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Porém, o que vimos em nossas escolas é que o ensino fundamental tem a função de sustentar a formação do leitor e o ensino médio, integrar esse leitor à cultura literária brasileira. É preciso garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, permitindo que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. A leitura abre portas entre mundos

diferentes, que se completam na compreensão e passagem de sentidos entre um leitor e outro.

Cosson (2014, p. 28) nos leva a entender que

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas em nossas vidas.

Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas. A leitura pode ser pensada como um processo linear que envolve a antecipação, decifração e interpretação. Há toda uma preparação que o leitor realiza antes de penetrar no texto para depois realizar a decifração, em que, dependendo da maturidade do leitor, fará com fluidez ignorando até mesmo palavras escritas de modo errado ou que desconhece o significado de uma palavra, pois a recupera no contexto. Para Cosson (2014, p. 41),

Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido... O contexto é, pois, simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura.

Assim como diz Paulo Freire (1989), a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Entende-se assim que a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

Entretanto, precisamos compreender que a realidade consiste no fato de que as pessoas, os objetos sociais e o mundo da natureza existem em si mesmos, independentes dos significados que atribuímos a todos eles. E essa existência em si mesma, das coisas e dos homens, faz com que a realidade seja algo dado a ser percebido e interpretado, enquanto que o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real só existe a partir das ideias, dos signos, dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida.

Com relação ao signo, esse pode ser qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta,

um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. Tanto quanto o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa “coisa” qualquer está na posição de objeto porque é representada pelo signo.

Qualquer coisa que esteja presente na mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações etc. Os efeitos interpretativos que os signos provocam em um receptor também não precisam ter necessariamente a natureza de um pensamento bem formulado e comunicável, mas podem ser uma simples reação física ou podem ser ainda um mero sentimento ou compósito vago de sentimentos.

Falar de realidade contextual e da importância da leitura/literatura nos remete à análise, não de forma isolada, de uma língua, mitologias, narrativas populares, poemas, sonhos, obras literárias, filmes, dentre outros, levando em consideração sua descrição estrutural. Para falar dos elementos e de regras de construção da linguagem em geral, da linguagem de outro lugar ou de outro tempo, de nosso inconsciente ou de nossas obras, da linguagem que temos aqui e agora, ou que nos remete ao passado, precisamos considerar sua densidade histórica. Não podemos esquecer que a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura ou o próprio discurso estrutural nos permite analisar todos os tipos de linguagens.

Sabemos que as estratégias e o bom hábito de leitura podem ajudar o leitor a aplicar seu conhecimento prévio e realizar inferências para interpretar o texto. Conseguem, ainda, identificar o que não entende, adquirindo habilidades e capacidade de leitura. O sujeito leitor amplia suas interações com os textos, compreendendo melhor os seus significados e a leitura ea escrita como práticas sociais.

Para melhor compreensão do sentido da leitura e da escrita como práticas sociais, evocamos o conceito de letramento, conforme Magda Soares (2006, p. 47), que é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura”. Para Soares (2006), o letramento pode ser entendido como consequência da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Nesse sentido, o letramento confere ao indivíduo circunstâncias de inserção no mundo letrado que ultrapassa a simples prática de leitura e escrita.

Dentre essas práticas de leitura e escrita, podemos destacar aquelas que se referem aostextos literários, ou especificamente ao letramento literário. Esse tem sido definido

como o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler um texto, mas que dele apodere deixando a condição de simples espectador para a condição de leitor literário.

Falar de “biblioteca” pode até parecer um tema obsoleto a princípio, por estarmos na era dos computadores, da informática. Porém, a biblioteca continua sendo um espaço muito importante, principalmente a biblioteca escolar, por ser um espaço de cultura, de leitura, de interação e integração de pessoas e projetos. Vivemos numa sociedade marcada pela abundância de informações em que os alunos precisam adquirir habilidades e competências para atuar nessa sociedade informacional. É na prática da leitura que o aluno vai aprender a localizar, interpretar, analisar, sintetizar e avaliar as informações obtidas não somente de fontes impressas, mas também de fontes digitais.

Nesse novo contexto, surgiu o conceito de competência informacional nos Estados Unidos, na década de 1970, representando o esforço da classe bibliotecária americana para ampliar o seu papel dentro das instituições educacionais. Ele se desenvolve ao redor de quatro aspectos: a sociedade da informação, as teorias educacionais construtivistas, a tecnologia da informação e o bibliotecário.

Esse conceito de competência informacional acaba se vinculando ao conceito de “letramento”. Para Soares (1998), o letramento pode ser entendido como consequência da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Desse modo, o letramento confere ao indivíduo circunstâncias de inserção no mundo letrado que ultrapassam a simples prática de leitura e escrita.

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que a prática de leitura e/ou escrita tem uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada. (SOARES, 2008, p. 146)

Devido às mudanças constantes que ocorrem em nossa sociedade e as novas exigências de conhecimentos de leitura e escrita, as definições de letramento vêm sofrendo modificações. Para Soares (2005), as definições de letramento encontram-se em duas dimensões, a saber: dimensão individual e dimensão social. A primeira refere-se à posse individual de habilidades de leitura e escrita, podendo ser vistas como uma única habilidade, isto é, a de codificar, decodificar e compreender a palavra escrita.

Em relação à dimensão social, o letramento é visto como fenômeno cultural, referindo-

se ao conjunto de demandas e atividades sociais que envolvem e utilizam a língua escrita. Conforme Soares (2005), o letramento na perspectiva social pode ser definido como o “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. Para Soares (2005), essas dimensões carregam em si um papel político nessa prática social e que há diferentes conceitos de letramento, que vão variar de acordo com a concepção de sociedade que se tem ou se quer privilegiar.

Ao associar a biblioteca escolar ao conceito de letramento como prática de leitura e interpretação, propiciamos ao sujeito leitor o uso frequente e competente da informação. Lugar este onde professores precisam fazer mediação do conhecimento, e não somente transmissão de conhecimento. Sendo assim, o corpo docente é o orientador que vai estimular seus alunos ao questionamento e à busca de diferentes assuntos e temas através de projetos interdisciplinares.

A biblioteca escolar também é o lugar para desenvolver habilidades e competências. Espaço privilegiado para promover experiências criativas, não somente com materiais impressos, mas preparado com equipamentos e mídias onde possam ser realizadas diversas pesquisas. A biblioteca passa a assumir essa função pedagógica, promovendo a diferença na educação. Quando a biblioteca escolar assume esse espaço estruturado e de intencionalidade pedagógica, possibilita aos seus frequentadores leitores alcançar melhores resultados em sua vida acadêmica.

Considerando a relação entre biblioteca escolar e letramento, é preciso pensar nessa relação no sentido de incentivar o diálogo para que a biblioteca assuma o papel de agente na promoção de letramento literário. Conforme Cosson (2006), o letramento literário é distinto dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa uma posição única em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura tornar o mundo compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

Rildo Cosson, no *Glossário Ceale*, define a expressão letramento literário da seguinte forma:

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda a nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer

o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2014, s. p.)

Letramento literário, considerado como um conjunto de práticas e eventos sociais, envolve a interação leitor e escritor. Essa interação pode acontecer na biblioteca escolar, espaço que tem como função propiciar práticas que fomentem o gosto pela leitura, interagindo com as propostas pedagógicas desenvolvidas pela escola. Segundo Aguiar (1994), a biblioteca tem caráter social e precisa estar aliada a uma mudança social para que todos tenham acesso à informação e saibam utilizá-la. É preciso que a biblioteca contribua com o letramento, possibilitando às pessoas que se apropriem do conhecimento e que façam usos efetivos da leitura e escrita em suas vidas.

Pensar a prática pedagógica do letramento literário de forma contextualizada e significativa perpassa a função pedagógica da biblioteca escolar. Conforme ressalta Cosson (2014, s. p.):

Em primeiro lugar, não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. Depois, o processo do letramento literário passa necessariamente pela construção de uma comunidade de leitores, um espaço de compartilhamento de leituras no qual há circulação de textos e respeito pelo interesse e pelo grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras. Também precisa ter como objetivo a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário.

A história das bibliotecas está relacionada à própria história da humanidade. À medida que o homem sentiu necessidade de eternizar os acontecimentos, buscou um suporte concreto para registrar as informações e documentos. Para Aguiar (1994), as primeiras bibliotecas eram consideradas como um local de preservação da memória e do conhecimento cuja importância se dava por armazenar objetos caros e valiosos, os livros. Porém, com o aumento das riquezas materiais das universidades a partir do século XV, devido ao aumento de estudantes universitários, e a necessidade de acesso à informação e textos escritos, bem como a crescente demanda por livros, acarretou-se a abertura ao público das bibliotecas existentes.

Com a Revolução Industrial no século XIX e a crescente urbanização, a presença da biblioteca se tornou mais forte. Surgiram então as coleções especializadas e diversas espécies de bibliotecas: a religiosa, a universitária, as pertencentes a corporações ou sociedades particulares, as públicas e as escolares. Conforme Moraes (2004), a biblioteca acompanhou a

evolução social e passou a gozar do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, deixando de ser um espaço particular destinado a resguardar o conhecimento, para se transformar em um espaço de socialização e transmissão do conhecimento. Ambiente onde alunos, professores e demais pessoas frequentam para estudar, ler e escrever.

Mas, em se tratado de uma biblioteca escolar, quais são suas especificidades? Que lugar esse local ocupa na escola? Qual o seu papel na promoção da leitura e na formação de leitores? Que tipos de práticas são e podem ser realizadas nesse espaço? Esses questionamentos perpassam a especificidade da biblioteca escolar como instância de escolarização da literatura.

Muito ainda há que se discutir a respeito de propostas para que esse espaço cumpra o seu papel, que é de formar leitores, fomentar práticas de leitura e tornar-se um organismo vivo, ativo e participativo dentro da escola. Principalmente, precisamos discutir a relevância e características da biblioteca escolar na perspectiva do seu uso para promoção do leitor literário.

Ao analisarmos o contexto das bibliotecas escolares das redes públicas de educação, percebemos que não há políticas públicas que favoreçam o seu caráter social, pois é preciso ter “condições de acesso à leitura, ofertadas às diferentes camadas da população” (AGUIAR, 1994, p. 99).

No livro *Miséria da biblioteca escolar*, o autor expõe a realidade das escolas brasileiras:

[...] quando existe biblioteca, esses espaços geralmente não passam de depósitos de livros e de outros objetos, com horários de funcionamento breves e irregulares, ou ainda são convertidos em espaços de punição (onde os alunos ficam de castigo para copiar trechos de enciclopédias porque se comportaram de modo inadequado em outros espaços escolares), cujos atendentes são professores aposentados ou readaptados, enfadados da sala de aula e de alunos. (SILVA, 1991, p. 24-25)

A situação apresentada pelo autor reforça o que está posto até os dias de hoje, visto que muitas bibliotecas sofrem com vários problemas, como: desvalorização social da leitura, inadequações no espaço, acervo sem diversidade nem qualidade, sistema de classificação ininteligível, regulamentos muito rígidos, horários inflexíveis, preocupação excessiva com silêncio, arrumação e disciplina, entre outros.

Muito ainda há que ser feito para que se mude o conceito de biblioteca, principalmente a escolar, pois, como afirma Silva (1991), a biblioteca escolar é desprezada e esquecida, sendo, em poucos casos, objeto de preocupação e investimentos. De acordo com o Plano Nacional do Livro e Leitura, as bibliotecas não podem ser mais concebidas como meramente “Depósito de livros”. É imprescindível que ela seja um lugar bem gerenciado, organizado e prazeroso, e que seja difusora de informação e cultura, centro de educação continuada, núcleo de lazer e

entretenimento, estimulando a criação e a fruição dos mais diversificados bens artístico-culturais. Pode, assim, cumprir sua função pedagógica e possibilitar mudanças na realidade da comunidade escolar.

II. A BIBLIOTECA ESCOLAR: TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS

Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor táctil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lançá-los pra fora das janelas
Talvez isso nos livre de lançarmo-nos
Ou o que é muito pior por odiarmo-los
Podemos simplesmente escrever um.

(Caetano Veloso)

A biblioteca escolar, no nível básico da educação, é o espaço de iniciação ao espírito de curiosidade que leva à busca pela pesquisa qualificada, capaz de produzir conhecimento e transformar a realidade social, pela difusão de saberes que traduzem a vida e a realidade humanas em seu mais amplo movimento.

Também pode ser considerada como uma alternativa de inclusão social e se configura como um ambiente democrático, tendo a informação como uma importante ferramenta para a conscientização dos direitos e deveres de cada cidadão como membro da sociedade.

2.1 Perspectivas históricas e políticas das bibliotecas escolares

A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, cabendo ao poder público a sua efetivação, conforme previsto no art. 208 da Constituição Federal brasileira de 1988 e art. 4º da LDB 9394/96. Parte-se então da premissa de que compete aos sistemas de ensino o desenvolvimento da plena capacidade de aprender, tendo a leitura e a escrita como eixos centrais nesse processo, segundo o art. 32 dessa LDB. Sendo assim, a presença da biblioteca escolar se caracteriza como importante meio para o desenvolvimento do educando, indispensável para o exercício da cidadania, como prevê o art. 22 da referida LDB. A biblioteca escolar é, desse modo, um espaço que, na visão contemporânea, evolui para o conceito de “lugar”, no sentido de ser nela que o educando encontra as bases concretas e reais para construir a sua própria transcendência, uma vez que, em seu contato com os documentos ali contidos e as possibilidades de pensar e ver o mundo além de seus limites, ele se recobre de novas utopias, a cada visita a ela.

Dessa feita, compreendendo a biblioteca escolar como importante eixo no processo de

formação dos estudantes, em nosso caso, da educação básica, buscamos expor o contexto documental com vista a compreender as políticas públicas vigentes, a partir de uma composição documental que verse sobre o tema e exposição dos principais ordenamentos, garantias e direcionamentos legais.

Dentre os marcos legais, apresentamos a Lei nº 10.753/2003, também denominada Política do Livro, uma lei composta por 19 artigos e cinco capítulos, que se propõe, enquanto diretriz, assegurar aos cidadãos o pleno acesso ao livro. Essa lei, no inciso II, artigo 1º, compreende o livro como “meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (BRASIL, 2003, grifos nossos).

A lei apresenta a concepção de livro sendo “a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento (art. 2º), sendo considerado livro brasileiro, obras impressas ou fixadas em qualquer suporte, publicadas em qualquer idioma, por editoras brasileiras (art. 3º) (BRASIL, 2003).

Explicita, no art. 13, que cabe ao Poder Executivo brasileiro criar projetos e ações “de acesso ao livro e incentivo à leitura, ampliar os já existentes e implementar, isoladamente ou em parcerias públicas ou privadas” (BRASIL, 2003). Então, a partir de parcerias em programas para ações como incentivo à leitura, deve estimular a criação e execução de projetos no processo de alfabetização e leitura de textos e literatura nas escolas, exigência dos sistemas de ensino de acervo mínimo para abertura de novas escolas, dentre outros.

Expõe, por fim, a destinação de verbas, no orçamento da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, às bibliotecas para manutenção e aquisição de novos livros (art. 16); modernização e expansão do sistema bibliotecário e de ações para incentivo da leitura por meio de recursos oriundos do Fundo Nacional da Cultura (art. 17) (BRASIL, 2003).

Rosa e Oddone (2006), ao apresentarem argumentos sobre a lei em destaque, indicam que a proposta de lei ou Política do Livro não é algo novo no Brasil. Para as autoras, na década de 1970, dois anteprojetos de lei já haviam sido apresentados por grupos de editores nos anos de 1974 e 1976. Porém, as propostas não avançaram, segundo expõem, em função da ditadura militar.

Os destaques feitos da Política do Livro de 2003 demonstram um importante ordenamento no sentido de provocar ações efetivas no direcionamento dado. Oriá (2017), ao

analisar o direito ao acesso e ao uso do livro como política pública, indica que, em face da situação socioeconômica da população e dimensões continentais do Brasil, o caminho para a democratização do livro e o desenvolvimento da leitura perpassa o “[...] fortalecimento e modernização do sistema de bibliotecas do país, sejam elas públicas, comunitárias ou escolares”(Ibidem, p. 11).

Em 2010, instituiu-se a atual política das Bibliotecas Escolares, a partir da Lei nº 12.244, de 24 de maio. Com apenas quatro artigos, o dispositivo traduz, em forma de lei, uma meta ousada de alcançar em 10 anos, e em todas as unidades escolares da federação, nas diferentes etapas e modalidades da educação básica. A meta estabelecida, em seu art. 3º, cumpriu o prazo de universalização em 2020 (dez anos), porém, em estudo nos microdados do Censo da Educação Escolar de 2020 (Inep/MEC), no Brasil, das 181.279 unidades escolares em funcionamento, apenas 65.901 (36,4%) possuem bibliotecas em seu interior. Ao se ampliar para salas de leitura, (o que não necessariamente se caracteriza como biblioteca), o número, embora pouco maior (94.664, ou seja, 52,2%), está longe da universalização prevista em lei.

Em Goiás, *locus* de estudo, do total de 4.644 escolas, sejam elas públicas ou privadas, 2.689 (57,9%) possuem bibliotecas e 3.109 (66,9%) possuem salas de leitura, embora melhor que o percentual nacional, mas ainda distante da universalização. Trazendo para o recorte em estudo, a rede estadual de educação, das 981 escolas, 868 (88,5%) possuem bibliotecas e 878 (89,5%), salas de leitura.

Uma questão a ser exposta é que, justamente no ano de 2020, prazo determinado pela lei para universalização das bibliotecas escolares, são lançadas as Diretrizes Operacionais da Rede Estadual de Educação de Goiás do biênio 2020-2022 (GOIÁS, 2020). Em análise do presente documento, não se observou nenhuma orientação, disposição ou mesmo citação ou referência às bibliotecas escolares.

Sobre a meta de universalização do documento em voga, uma proposta de natureza similar havia sido encaminhada à Câmara dos Deputados, no ano de 2000, a partir do Projeto de Lei nº 3.549, da deputada Esther Grossi (PT/RS). O instrumento expunha a “universalização das bibliotecas escolares”, apresentando, em seu art. 4º, que “Num prazo máximo de dez anos, a orientação e a supervisão das Bibliotecas Escolares deverá ficar a cargo de Bacharéis de Biblioteconomia, auxiliados por técnicos em Biblioteconomia, designados pelos órgãos de administração dos sistemas de ensino”, ficando a cargo dos ministérios da Educação e da Cultura a orientação da composição dos acervos básicos e distribuição das obras.

A Lei nº 12.244/2010 compreende biblioteca escolar como “a coleção de livros,

materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. Indica, no parágrafo único do art. 2º, a obrigatoriedade de “[...] um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado”, sendo os sistemas de ensino responsáveis, dentre outros, pela ampliação, divulgação.

No bojo das políticas referentes às bibliotecas e livros escolares, apresentamos o Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011, com regulamentação prevista no Decreto nº 9.930, de 23 de julho de 2019, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Composto por 11 artigos, o PNLL “consiste em estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no País” (BRASIL, 2019).

Desse modo, apresenta como objetivos a democratização do acesso ao livro, o incentivo à leitura, a valorização institucional do livro, bem como o estímulo à produção intelectual (art. 1º), expondo, em seu art. 2º, o acesso a pessoas com deficiência. O PNLL, conforme art. 10, encontra-se organizado sob quatro eixos, a saber:

- i) eixo estratégico 1, que aborda a democratização de acesso;
- ii) eixo estratégico 2, que expressa sobre a leitura e formação de mediadores;
- iii) eixo estratégico 3, propondo a valorização da leitura e de seu valor simbólico; e, por fim,
- iv) com proposta de fomento à cadeia criativa e produtiva do livro

Os quatro eixos citados permitem uma discussão profícua, a começar pelo que diz respeito à democratização não só do acesso à biblioteca, mas também da qualidade desse acesso, no sentido de preparar o educando para a posse, de fato, de bens imateriais de valor simbólico-cultural, social e ideológico. Esses bens vão lhe garantir a liberdade revestida de responsabilidade que, em resumo, são os elementos fundamentais para o seu crescimento e sua emancipação como cidadão que fará a diferença na sociedade.

Por fim, apresentamos o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014-2024, com destaque para as seguintes metas: “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica”, a institucionalização e manutenção e reestruturação de vários espaços (Meta 6); contemplar a biblioteca escolar (Meta 6.3); “fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques,

museus, teatros, cinemas e planetários” (Meta 6.4); “fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir as seguintes médias nacionais para o Ideb” (Meta 7); a previsão de equipamentos e recursos tecnológicos digitais para a utilização nas bibliotecas (Meta 7.20); formação de professoras/es e bibliotecárias/os “para atuar como mediadores e mediadoras da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem” (Meta 7.33) (BRASIL, 2014).

2.2 Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem dos componentes curriculares: letramento e formação de alunos leitores

Nesta seção, buscamos analisar o contexto das bibliotecas escolares no âmbito da Seduc-GO e ainda compreender as percepções das professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América sobre a importância da biblioteca escolar no letramento e na formação de alunos leitores.

Para tanto, levantamos o processo de organização com apresentação da equipe da Seduc, responsável pelas bibliotecas escolares, estrutura ofertada, modulação dos profissionais nas escolas, bem como os principais documentos e diretrizes para o pleno funcionamento das referidas bibliotecas nas unidades escolares de toda a rede de educação.

Nesse contexto, valemo-nos do levantamento de tais informações a partir de observação e entrevistas no âmbito da Seduc. Optamos por entrevistar a gestora responsável pela área e uma técnica da equipe responsável pelas bibliotecas escolares. Ambas as entrevistadas são docentes do quadro efetivo da Seduc, sendo a gestora graduada em História, com especialização na área de História e mestrado em Ciência da Religião, com foco na História Cultural. No presente momento, encontra-se como gestora da Seduc e docente de um curso de pós-graduação *lato sensu*.

Ao ser questionada como a Seduc concebe a importância das bibliotecas escolares, a gestora defende a valorização desse importante espaço dentro da escola, pois a biblioteca tem como principal objetivo a leitura e, por meio dela, fortalecer o aprendizado dos estudantes. Afirmou ainda que a biblioteca é importante nesse sentido de fazer com que os alunos sintam vontade de ler, de apreciar e manejar um livro, visto que, nesse tempo moderno, estão muito focados na internet, nos meios digitais e por isso o livro tem de ser valorizado. A Seduc faz questão de manter a biblioteca na escola e de cada vez mais modular o profissional apropriado para esse local. Conforme a gestora da Seduc, o professor/profissional que atua na biblioteca

escolar precisa apresentar um perfil condizente com o papel de um bibliotecário. Que seja, preferencialmente, um pedagogo, profissional mais adequado, pois este lida com as letras, com os diferentes componentes curriculares, e que apresente habilidades diversas. O ideal, segundo expõe, seria a presença de um bibliotecário, pois a proposta anterior ao período de pandemia era de buscar parceria com universidades para conduzir estudantes de Biblioteconomia para fazerem estágio nas bibliotecas da rede estadual.

Conforme a técnica responsável pela operacionalização das bibliotecas escolares, a modulação de servidores para o espaço tem sido, preferencialmente, de professores PI¹, pedagogos e professores que não sejam de áreas críticas como Matemática, Física, Química, Biologia e Língua Portuguesa, pois são disciplinas que apresentam um déficit muito grande de professores no âmbito da Rede Estadual de Educação². Professores dessas áreas só podem ser modulados se forem professores com readaptação definitiva ou temporária ou professores pertencentes ao Quadro Transitório (PAA, PAB, PAC e PAD).

Questionada sobre a proposta pedagógica e de gestão da Seduc para o espaço da biblioteca escolar, a gestora informou que, atualmente, há um documento-base para o trabalho com as bibliotecas e até mesmo orientando os projetos de leitura elaborados pelos profissionais das bibliotecas. Projeto este, segundo aponta, indispensável para a realização da modulação dos professores, complementando que os projetos de leitura precisam ser qualificados, sustentados teoricamente, tendo o cuidado de não fazer plágio de outros projetos já apresentados. O objetivo desses projetos consiste que os mesmos contribuam para sanar problemas existentes na escola, enriquecendo o trabalho pedagógico dos professores e aprendizagem dos alunos, enfatizando que jamais sejam utilizados somente para resolver problema com a modulação de professores com dificuldades na prática docente.

Conforme a gestora, os projetos de leitura passam pela Gerência do Ensino Fundamental Anos Finais, e são analisados criteriosamente, sendo observados alguns pontos obrigatórios, citados no Documento Orientador.

Em relação à execução desses projetos, faz-se necessário retomar o trabalho feito antes da pandemia, em Goiânia. Vários eventos foram realizados com os professores responsáveis pelas bibliotecas escolares, onde cada escola apresentava os projetos desenvolvidos com os professores e alunos. Entretanto, nesse momento de pandemia, ponderou, é necessário lembrar que muitas coisas deixaram de ser feitas. Nesse retorno às aulas, o foco tem sido recuperar os

¹ Professor PI ou P1 é a denominação dada pela rede para professores em nível médio.

² É denominada área crítica as áreas com defasagem de professores na Seduc.

alunos, diagnosticar as dificuldades para nivelar e poder propor um trabalho com as bibliotecas e, posteriormente, fazer uma Mostra, como já foi feito antes, para apresentar esses trabalhos realizados pelas escolas, com exposição de banners e outros instrumentos. Porém, essa exposição só será organizada após a regularização desse retorno das aulas pós-pandemia.

Quanto ao controle das bibliografias disponíveis nas bibliotecas escolares, não há na Seduc, por enquanto, esse trabalho de controle, mas se pode pensar uma forma de trabalhar com a participação da equipe de Tecnologia da Informação – TI da Seduc. Os projetos de leitura desenvolvidos pelas escolas são acompanhados pela Tutoria Pedagógica. Antes de ser gestora da Seduc, enquanto tutora de algumas escolas, disse ter acompanhado o trabalho exitoso de duas escolas, o Colégio Estadual Jardim Europa e o Colégio Estadual Roberto Civita. No primeiro, indica que a responsável pela biblioteca conseguiu transformar o espaço, que, em princípio, funcionava numa salinha, sem destaque. Com o trabalho, conseguiu dar visibilidade à biblioteca e os alunos passaram a enxergar o trabalho importante da biblioteca e participar dela. No segundo, onde a responsável pela biblioteca é professora de Teatro, o trabalho desenvolvido conseguiu envolver a comunidade escolar apontando importantes resultados pedagógicos.

A gestora da Seduc aponta como maior dificuldade encontrada, no contexto das bibliotecas escolares, a questão dos espaços em algumas escolas, que não têm salas adequadas para funcionamento de biblioteca. O ideal, segundo indica, seria que todas as escolas tivessem um ambiente apropriado com espaço grande, com mesinhas e cadeiras suficientes para utilização pelos alunos, mas, infelizmente, a Rede é carente desse espaço. Não há previsão de construção de salas apropriadas para funcionamento das bibliotecas em algumas escolas. Outro apontamento foi a necessidade de formação continuada de professores que atuam nas bibliotecas, pois muitos estão há pouco tempo nessa função. As formações e capacitações são de responsabilidade do Centro de Formação da Seduc – CEPFOR, quando solicitadas e planejadas juntamente com a gerência responsável pelas bibliotecas escolares. Disse ainda que o acompanhamento do trabalho com as bibliotecas deverá ser retomado para que a aprendizagem dos alunos seja mais eficaz.

Com relação às percepções das professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América sobre a importância da biblioteca escolar no letramento e na formação de alunos leitores, conforme exposto no Capítulo 1, optamos pela metodologia da análise de conteúdo. Assim, intentamos estabelecer conexões entre a organização e a disponibilidade do acervo, bem como os projetos desenvolvidos em parceria entre os componentes curriculares

de Língua Portuguesa, Literatura, Produção Textual, Inglês e Espanhol com a biblioteca no estímulo e interesse dos alunos pela leitura e de como esses movimentos contribuem nos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes.

As análises foram feitas a partir das falas das professoras sobre os temas definidos como unidades de significação. Para garantir o sigilo em relação à identidade das professoras, foram usadas a letra P (abreviação de professora) e o número que lhe corresponde e que foi atribuído no momento da organização das falas dentro das unidades de significação que estão organizadas em dois subtópicos. O primeiro aborda o espaço e organização da escola na percepção das professoras com as seguintes unidades de significação: articulação entre a biblioteca escolar e a rotina da escola; o papel da gestão na manutenção e organização da biblioteca escolar; o acervo, a estrutura física e organizativa da biblioteca como atrativo para os estudantes e considerações sobre a organização atual da biblioteca.

O segundo subtópico aborda o papel da biblioteca na formação de alunos leitores no Colégio Estadual Jardim América na perspectiva das professoras e as seguintes unidades de significação: hábitos de leitura dos estudantes do Colégio Estadual Jardim América; e contribuição da biblioteca para o desenvolvimento da leitura, escrita, interpretação e produção textual: a formação de alunos leitores.

2.2.1 O espaço e organização da biblioteca escolar na percepção das professoras: articulação entre a biblioteca escolar e a rotina da escola

A biblioteca é o lugar mais propício dentro do ambiente escolar para a consolidação do hábito da leitura, o que conseqüentemente se torna suporte para o acesso a informações e para reforço no letramento dos estudantes. Nesse sentido, deve ser um local não apenas físico e organizado, mas planejado do ponto de vista pedagógico, dando suporte aos diversos componentes curriculares, mas, sobretudo, à área de Linguagens, que busca essa articulação em todo o seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, faz-se importante que a biblioteca esteja inserida na rotina da escola, estando sempre aberta e organizada para receber os estudantes.

É de suma importância que a biblioteca faça parte da rotina escolar, que ela seja um espaço lembrado, atraente e visível, tanto para os professores quanto para os alunos. A biblioteca escolar necessita ser um espaço ativo, que promova parceria e diálogo com os professores e alunos, um espaço de visibilidade. (P3)

Eles adoram ir para olhar os livros. Porém, nem sempre levam livros para ler casa. (P5)

Não vejo problemas com a utilização da biblioteca na escola pelos alunos, acredito que poderia ser até mais utilizada, pois o aluno do ensino médio tem certa resistência em procurá-la em busca de obras para leitura. (P1)

A biblioteca sempre foi muito acessível e presente na rotina escolar dos estudantes, localiza-se em um local estratégico e possui um acervo excelente. (P2)

A biblioteca funciona como um elo de apoio entre o educando e os professores, pois disponibiliza vários exemplares diferentes. (P4)

Percebemos, assim, que, para as professoras, a biblioteca do Colégio Estadual Jardim América é um espaço organizado e presente na rotina dos estudantes, mas que ainda possui algumas fragilidades, conforme a fala da P1, como o fato de que os próprios estudantes busquem mais esse espaço por conta própria e não apenas nos projetos e planejamentos realizados dentro dos componentes curriculares.

Para Ribeiro et al. (2014), a biblioteca como espaço escolar é um recurso indispensável para o processo de ensino-aprendizagem e por isso deve dinamizar o acesso dos estudantes ao acervo existente na mesma. Para tanto, deve oferecer, além dos livros literários e os recursos de pesquisa para alunos e professores, um espaço organizado, estruturado e articulado no sentido de estar presente na rotina escolar.

Assim, o autor corrobora a fala da P3 no sentido de que a biblioteca é um mecanismo ativo dentro da rotina escolar, não podendo ser um apêndice na sua estrutura, mas um espaço de visibilidade que auxilie nos processos de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento do letramento na formação de alunos leitores.

a) O papel da gestão na manutenção e organização da biblioteca escolar

A biblioteca escolar, segundo a lei, tem como princípio básico incentivar a leitura e cultivar este hábito entre os estudantes, dando suporte à aprendizagem na sala de aula. Porém, o fato de ter uma biblioteca dentro da unidade escolar não garante o uso adequado desse espaço como um suporte nos processos de aprendizagem que envolvem letramento na formação de alunos leitores.

Para que a biblioteca assuma esse papel de destaque dentro da escola, é substancial que a gestão tenha compromisso com a organização do espaço, a qualidade do atendimento aos estudantes e também acompanhe os planejamentos e execução dos projetos que estejam articulados com os componentes curriculares.

A gestão escolar sempre busca reestruturar a biblioteca de forma que possa atender

oseducandos da melhor forma possível e incentivar a leitura, adquirindo coleções novas, mudando a forma de busca de obras, reformando o espaço para que fique mais agradável. (P1)

Sim, as mudanças sempre no sentido de melhoria, tanto no aspecto estrutural quanto no aspecto de logística, para que os estudantes tivessem mais acesso ao ambiente. (P2)

Ocorreram mudanças do espaço físico da biblioteca. Desde que entrei na escola ela já mudou de lugar algumas vezes, e percebo que o seu espaço foi diminuindo ao longo do tempo, com salas cada vez menores e apertadas. Também ocorreram mudanças em relação às pessoas que trabalham neste local, infelizmente não são bibliotecários de formação, mas sim professores readaptados, e que muitas vezes não entendem a importância que este espaço deveria ocupar dentro do ambiente escolar. (P3)

A gestão empreendeu diversas várias mudanças. Tanto física como estrutural. (P5)

A gestão fez grandes mudanças, remodelação nas prateleiras e em todo o layout da biblioteca. (P5)

A equipe gestora enfatizou que o local deve ser um organismo vivo dentro da escola, um local educativo e descontraído. A biblioteca escolar, nesse contexto, está em um crescente. Antes era vista apenas como espaço estático e pouco utilizado; porém, este conceito tem mudado, tendo ela como tarefa principal acompanhar as mudanças no processo de ensino-aprendizagem. (P6)

Inferimos assim que as professoras veem a gestão do Colégio Estadual Jardim América comprometida com a qualidade da estrutura física, do acervo e dos projetos pedagógicos. Entretanto, é importante destacar que, conforme fala da P3 em relação aos dinamizadores da biblioteca, os gestores de escolas da rede estadual enfrentam algumas dificuldades que extrapolam sua capacidade de gestão. Dentre essas dificuldades, encontra-se a modulação de professores que apresentam algum problema de saúde e que são readaptados como dinamizadores sem nenhuma formação para a função.

Para além da questão da modulação do dinamizador de biblioteca, apontada na pesquisa como uma fragilidade da gestão, Moraes (2014), ao pesquisar a importância da gestão na implementação e manutenção das bibliotecas escolares, enfatiza que existem uma série de fatores que dificultam ou inviabilizam o trabalho da gestão escolar em relação à biblioteca, tais como a falta de funcionários para atender nos três turnos, a organização do espaço físico, pois a maioria das escolas não possui em seus projetos originais espaços próprios para a biblioteca, tendo então de adaptar, e a renovação do acervo por falta de recursos.

b) O acervo, a estrutura física e organizativa da biblioteca como atrativo para os estudantes

O acervo, a organização e o atendimento ao estudante são primordiais para que a biblioteca seja atrativa e se configure como espaço de aprendizagem. As mudanças tecnológicas

alteraram e influenciaram todas as áreas da sociedade, inclusive os diferentes tipos de biblioteca que se destacam neste contexto. Por ser um importante veículo de informação, a biblioteca desempenha um papel fundamental no que tange ao desenvolvimento da sociedade, proporcionando transformações educacionais, científicas e tecnológicas em diversas áreas, já que está ligada ao processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a biblioteca escolar necessita de uma organização que seja atrativa para os estudantes em meio à oferta tecnológica, disponibilizando tantos outros meios para a pesquisa e a leitura, inclusive devendo ter, em seu espaço, computadores com internet para pesquisas diversas, pois, no atual contexto, torna-se impossível desconectar os alunos do mundo virtual. Porém, a qualidade do acervo, a estrutura organizativa e o atendimento aos estudantes são primordiais no incentivo ao uso da biblioteca como espaço de formação de alunos leitores.

i. Acervo

Oferece um bom acervo para alunos do fundamental e médio. (P1)

O acervo da biblioteca é magnânimo, com obras importantíssimas para o conhecimento e a função crítica dos estudantes. (P2)

Tem que ter um acervo que contemple tanto os clássicos da literatura brasileira e mundial, como também livros de novos autores, livros contemporâneos, ou os chamados de Best Sellers. (P3)

Tem muitos exemplares diferentes e ricos em conteúdo. (P4)

Quando temos acesso a um acervo mais diversificado, conseguimos que o aluno tenha um olhar diferente e se aproxime da leitura. (P6)

ii. Estrutura física

Possui um espaço pequeno para o uso de uma turma de 40 alunos, poderia ser maior. (P1)

A estrutura física é versada em um ambiente tranquilo, aconchegante com disposições que comportam uma aula prática e de leitura. (P2)

Tem que ter uma estrutura ampla, arejada, de fácil acesso e com bastante visibilidade no ambiente escolar. (P3)

Muito limpa e organizada.

(P4) A estrutura física é boa.

(P6)

iii. Qualidade do atendimento

Boa. A bibliotecária é atenciosa com os alunos. (P1)

O atendimento sempre a serviço dos estudantes, com presteza e atenção. (P2)

Uma pessoa capacitada que saiba onde estão os livros. Que proporcione um ambiente acolhedor tanto para os alunos quanto para os professores. (P3)

Os bibliotecários fazem um ótimo trabalho. (P4)

Os professores atendem os alunos com muita dedicação, além de orientá-los para obtenção de conquistas a obra escolhida por eles. (P6)

Organização e disposição dos livros

Está sendo reorganizada para otimizar melhor a busca. (P1)

A disposição dos livros está sempre ao alcance dos estudantes, de modo que o atendimento é individualizado. (P2)

Prateleiras de fácil visualização das obras, separadas por temáticas para ajudar na busca. (P3)

Bem organizados dentro de seus respectivos conteúdos. (P4)

A biblioteca tem grande acervo de Livros, muitos livros. Na qual tem livros bem usados e também livros novos e interessantes. Ótima estrutura física. Atendentes prestativos. Boa organização e disposição dos livros. (P5)

A biblioteca escolar tem papel relevante no apoio às atividades de desenvolvimento dos processos de aprendizagem, atuando como mediadora na pesquisa e produção do conhecimento. Para isso, precisa estar organizada e que o profissional que atua como dinamizador esteja apto a trabalhar com o acesso à informação e domínio do acervo.

c) Considerações sobre a organização atual da biblioteca

Os padrões para instalações em bibliotecas escolares geralmente se referem às áreas de armazenamento do acervo, do local de trabalho dos dinamizadores e local para leitura por partidos usuários. O planejamento da distribuição destes espaços, sempre que possível, deve ser um trabalho cooperativo entre os diferentes agentes da unidade escolar.

A biblioteca tem melhorado muito com o passar dos anos, porém ainda é necessário que tenha alguns ajustes para atender os alunos. (P1)

A biblioteca possui um papel importante na rotina da escola, com ofertas de projetos, ambiente estruturado de leitura e oferta de livros para que os estudantes possam adentrar no mundo literário. (P2)

Têm livros de grandes autores, obras clássicas da literatura brasileira e mundial, muito bom. Porém, falta uma renovação desse acervo no sentido de obras literárias mais contemporâneas, novos autores, para assim quem sabe chamar mais a atenção do aluno para esse espaço. Sobre a estrutura física agora ela está em um espaço reduzido, uma pena. Mas creio que uma boa organização nesse novo espaço poderá deixá-la atraente para os nossos alunos. Sobre o atendimento, percebo algumas dificuldades de diálogo, principalmente com os alunos. Eles nem sempre se sentem acolhidos no espaço. (P3)

Está um pouco desorganizada devido a sua mudança física. Mas em relação aos livros está muito bem equipada. (P4)

A Biblioteca tem necessidade de ter funcionários em todos os turnos. Para melhor atendimento dos alunos; ter um trabalho compartilhado entre os turnos, seguindo a mesma forma de atendimento e trabalho igual. (P5)

É possível verificar uma mudança significativa como incentivo à leitura dos estudantes. (P6)

Precisa de alguns ajustes como informatização e internet disponível para os alunos e um ambiente mais amplo. (P1)

A sugestão seria compor a biblioteca de modo temático seguindo as escolas literárias ou os autores da mesma. (P2)

Renovação do acervo; - Uma estrutura física mais organizada em que encontrar um livro seja mais fácil e prático; - Acolhimento nesse espaço; visibilidade no ambiente escolar. (P3)

A biblioteca está precisando de um projeto de incentivo para que os alunos tenham mais interesse por ela. Como, por exemplo, levar algum escritor ou escritora para falar da importância da leitura. (P4)

Manter os livros organizados e limpos. Funcionários mais eficientes. (P5)

Organizando o local além de torná-lo mais atraente para os estudantes, como utilizar puffs e mesas amplas para atividades de leitura em grupo. (P6)

Segundo Rosa (2014), para organizar uma biblioteca escolar, é preciso atentar-se para aspectos básicos como a questão material, que é a preparação do acervo para atender os estudantes e a questão intelectual que é atender um público que está em busca de conhecimento.

Para tanto, o acesso deve ter livre circulação entre as estantes, horários definidos para atendimento, formação dos dinamizadores, atendimento de qualidade e localização de fácil visibilidade e acesso dentro do prédio da unidade escolar.

Colocado como essencial na fala das professoras em relação à organização da biblioteca, o acervo deve ser projetado para estar em constante crescimento e renovação. A sua organização deve seguir estas prioridades: estantes para livros, estante para periódicos e estante para obras de referência.

2.1.2 O papel da biblioteca na formação de alunos leitores no Colégio Estadual Jardim América

a) Hábitos de leitura dos estudantes do Colégio Estadual Jardim América

A leitura é fundamental nos processos de aprendizagem dos estudantes e cabe à escola fomentar atividades que desenvolvam essa prática. Faz-se importante, nesse processo, conhecer o perfil dos estudantes para que os planejamentos que visam letramento e formação de leitores sejam mais assertivos e efetivos. Para isso, é necessário saber a preferência dos estudantes, quantos livros conseguem ler e, principalmente, se possuem o hábito da leitura.

Os hábitos de leitura são poucos consolidados pelos alunos, pois apresentam uma resistência com a leitura de obras literárias. Por mais que sejam solicitados a leitura, eles procuram pelos resumos oferecidos pela internet ao invés de buscar a biblioteca para desfrutar a leitura do livro. (P1)

Vários estudantes já possuem o hábito da leitura – isso é muito bom – acredito que esse hábito tem aumentado gradativamente em função da demanda do mercado de trabalho e também do incentivo de casa; mas, existe muito o que se fazer neste sentido. (P2)

Infelizmente, é uma minoria que tem o hábito da leitura. Podendo afirmar ainda que as meninas sejam mais leitoras que os meninos. O conteúdo programático de Língua Portuguesa foca no trabalho com os variados gêneros textuais, dentre eles poemas, contos, crônicas. Dessa forma, durante as aulas, para iniciar o trabalho com determinado gênero textual eu sempre pergunto se alguém já leu determinado gênero trabalhado em sala, e as respostas, em sua grande maioria, são negativas, infelizmente. Durante três anos eu trabalhei com os alunos da 1ª série com o projeto “Conhecendo a biblioteca da escola”. Este projeto era justamente para incentivar a prática da leitura e ao mesmo tempo fazer com que os alunos conhecessem a biblioteca da escola, já que existem muitos alunos que passam anos estudando na escola e nunca colocaram os pés na biblioteca. Assim, os alunos teriam que ler um livro por bimestre, e este livro obrigatoriamente deveria ser da biblioteca escolar, qualquer livro, mas deveria ser retirado na biblioteca. Após a leitura de cada livro os alunos teriam que me entregar um texto narrando sobre o livro que leu e suas impressões, positivas e negativas. Durante a aplicação desse projeto eu percebia que a grande maioria dos alunos liam os livros por obrigação, pois valia nota, e não por prazer. (P3)

Pouco consolidado. Quando faço com eles a aula de leitura muitos não se sentem motivados, pois não gostam de ler. (P4)

Bons e poucos consolidados. Temos leitores assíduos, adoram ler e procuramos incentivá-los a continuar. Lendo e convidando os colegas para ir para a Biblioteca conhecer os livros e começar a ler também! (P5)

Através de atividades diagnósticas como leitura, produção textual e interpretação de texto, pude analisar que os hábitos de leitura dos estudantes são pouco consolidados. Para alguns, a leitura do livro já se tornou uma atividade a ponto de ser comparada a assistir séries ou jogar videogames. (P6)

A partir da percepção das professoras sobre o hábito de leitura dos estudantes do Colégio Estadual Jardim América, esse hábito ainda é pouco consolidado apesar de desenvolver projetos bem específicos para estimular a frequência à biblioteca e fazer o empréstimo de livros. Em relação a esses projetos, ficou nítido que não são leituras apenas para entretenimento, mas que fazem parte do processo educativo e avaliativo da instituição de ensino.

Segundo Santos et al. (2014), a leitura promovida pela escola nem sempre é apenas prazer, pois precisamos atualizar os estudantes nas diferentes áreas do conhecimento; obter informações em momentos específicos para contextualizar a realidade; orientar estudos em relação a uma prova; orientar e conferir os textos que escrevem.

A biblioteca escolar tem como responsabilidade, nesse contexto, atuar junto com os componentes curriculares no sentido de levar os estudantes ao desenvolvimento das competências e habilidades que levam à proficiência leitora. Para isso, é necessário fornecer variadas oportunidades e provocar situações diversas em que a leitura se faça necessária dentro dos seus variados sentidos, seja por prazer, para estudo ou para buscar informações rápidas.

Percebemos que na realidade do Colégio Estadual Jardim América precisam ser desenvolvidas estratégias que variam de acordo com o perfil dos estudantes que deve ser levantado após estudo e nivelamento, levando-os a perceberem que existem diversos tipos de leitura. Após esse levantamento, é importante que desenvolvam a habilidade de pesquisar textos de acordo com as necessidades e orientados pelas professoras e dinamizadores da biblioteca.

As professoras demonstram ainda o entendimento de que a biblioteca escolar é a principal ligação entre a literatura e os estudantes. Por isso, existe a necessidade de integrar a sua função aos componentes curriculares como forma de estímulo à leitura e, conseqüentemente, melhorar a escrita, a interpretação e a produção textual, desempenhando um papel educativo e ao mesmo tempo cultural.

Entretanto, apesar de as professoras demonstrarem entendimento sobre a importância da biblioteca no letramento e na formação de alunos leitores, não citaram sugestões de projetos a serem desenvolvidos no sentido de estimular a leitura entre os estudantes. Avaliaram tão somente as propostas de intervenção que já são realizadas, como o projeto “Conhecendo a biblioteca” e a orientação de se trabalhar bimestralmente livros literários disponíveis em grande número na disciplina de Literatura e Interpretação Textual.

A partir dos relatos delas, fica nítido sobre os hábitos de leitura dos estudantes do Colégio Estadual Jardim América que, apesar de poucos, existem alunos que são assíduos e frequentam a biblioteca mesmo sem a obrigatoriedade de serem livros trabalhados nas

disciplinas. Essa característica demonstra de certa forma a importância de se estabelecer como prioridade na escola o levantamento do perfil dos estudantes a fim de que sejam feitas intervenções no sentido de incentivar e consolidar a leitura como rotina, compreendendo que o desenvolvimento da competência leitora é o meio para aquisição de novas aprendizagens e desenvolvimento do intelecto.

Nesse contexto, segundo as professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América, para o êxito da biblioteca no incentivo à leitura e cumprimento da sua função pedagógica, é imprescindível a interação de vários elementos como recursos humanos com formação especializada, acervo compatível com a quantidade e nível dos alunos, espaço físico adequado, ambiente agradável e interação entre os componentes da equipe pedagógica e gestão escolar.

b) A contribuição da biblioteca para o desenvolvimento da leitura, escrita, interpretação e produção textual: a formação de alunos leitores

A leitura é o caminho que facilita a mediação do conhecimento em diferentes conteúdos e contribui com a educação e a cultura, enriquecendo os processos de aprendizagem. A biblioteca escolar é, pois, o espaço privilegiado para propiciar aos estudantes o contato com o mundo dos livros, tornando-se aliada nos contextos educativos de diferentes realidades. Sendo assim, é necessário um trabalho para retirar do imaginário de alguns estudantes a ideia negativa da biblioteca como espaço de castigo e punição, mas, ao contrário, que possam enxergá-la como um espaço agradável e de possibilidades de ampliação do conhecimento.

Para que a biblioteca funcione como espaço de aprendizagem, é necessário que, além de empréstimos de livros e da orientação do dinamizador sobre as consultas nas pesquisas, desenvolver projetos e atividades de leitura com o objetivo de incentivar os alunos a lerem.

A biblioteca na escola pode ser muito positiva na formação do educando, pois estimula a leitura e quanto mais o aluno se envolve nela, mais ele consegue desenvolver a compreensão e a interpretação de textos, aumentando o nível intelectual, ampliando o vocabulário e melhorando sua escrita. (P1)

A biblioteca pode contribuir na leitura fazendo com que o estudante aumente seus conhecimentos e sua capacidade crítica e reflexiva, desta forma o jovem terá mais autonomia na escrita e na interpretação e análise de textos. (P2)

A biblioteca pode contribuir em todos esses aspectos. Por meio da leitura é possível desenvolver a escrita, interpretação e análise de texto. O uso adequado da biblioteca dentro do ambiente escolar fortalece o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, pois a base leitora é fundamental para o acesso a todo tipo de conhecimento. Por isso a importância da biblioteca escolar ser um espaço ativo

dentro da escola. (P3)

A biblioteca pode contribuir em todos estes aspectos. (P4)

Trabalho conjunto com Professores, apresentando livros novos e incentivando a Leitura. (P5)

Em todos os aspectos, pois a biblioteca presume a oferta de diferentes práticas leitoras, o aluno tem como desenvolver suas habilidades literárias e ampliar sua visão de mundo, além de fortalecer a cultura de leitura e escrita, ensina o uso coletivo de bens públicos, no caso os livros. (P6)

As professoras fazem a avaliação de que projetos de leitura da biblioteca devem ser desenvolvidos em parceria com os componentes curriculares para que realmente despertem o gosto pela leitura e melhorem a aprendizagem do aluno. Nesse aspecto, o dinamizador de biblioteca pode desenvolver diversas atividades como a hora do conto, contação de história, varal de poesia, criação de história, teatro etc.

As professoras sugerem ainda levar convidados, como, por exemplo, contadores de história ou autores de livros. Segundo Andrade et al. (2014), ao ouvir uma história bem contada e com bastante entonação, o aluno pode ser levado ao mundo da fantasia e da imaginação, criando hipóteses sobre a ação dos personagens ou sobre o final da história. Conforme os autores, essa atividade tem uma contribuição para o crescimento cognitivo e intelectual do aluno que pode ser considerada imensurável.

Mas para que as atividades realizadas na biblioteca sejam exitosas e produzam resultados positivos no sentido de aumentar a frequência dos estudantes nos ambientes de leitura, ela precisa oferecer recursos suficientes como sala de leitura adequada; ambiente agradável e com livre acesso; acervo variado, atualizado e compatível com o nível e quantidade de alunos.

Quando os alunos são estimulados com projetos de leitura, a biblioteca passa a ter um papel muito importante na escola, pois é lá que os estudantes buscam ampliar seu conhecimento com pesquisas e leitura. (P1)

De modo efetivo e responsável, é importante ter projetos que englobam a biblioteca e todo acervo que ela possui. Projetos que culminaram na edição de livros confeccionados pelos estudantes juntamente com autores goianos consagrados. (P2)

Os livros estimulam a criatividade, a imaginação, a curiosidade, o contato com outras culturas e, claro, contribui e muito com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Porém, para que isso de fato ocorra, a organização da biblioteca é fundamental. Organização em relação aos livros que ali se encontram, empréstimos sem burocracias, ambiente acolhedor e atraente. (P3)

É importante os estudantes terem acesso a ela tanto para locação de livros ou mesmo para conhecê-la. (P4)

A Biblioteca é um lugar onde os alunos fazem pesquisas e trocam experiências. (P5)

A leitura é o caminho para ampliação da percepção do mundo à nossa volta. Quanto mais um indivíduo lê mais integrado com o seu meio estará. (P6)

Marçal et al. (2014) corroboram a percepção das professoras de que a biblioteca possui, no contexto escolar, a função de estimular a leitura na dinâmica dos processos de ensino-aprendizagem, atuando em conjunto com a sala de aula e participando do processo de formação de cidadãos críticos e conscientes, o que, segundo os autores, é um processo de descobertas e liberdade que desperta em seus usuários um conhecimento que pode ser prazeroso através de atividades de leitura. Esse elemento nos leva a afirmar que a biblioteca escolar tem uma importante contribuição na formação dos indivíduos como cidadãos críticos, participativos e conscientes da realidade em que vivem.

A biblioteca escolar precisa ser vista como uma oportunidade de fortalecimento do ensino, um essencial suporte para formação de leitores, pois proporciona inúmeros recursos e acesso a dados que contribuem com a difusão do conhecimento. É através da leitura que crianças e jovens passam a compreender melhor a realidade que os cerca. (MARÇAL et al., 2014, p. 131)

Dessa forma, o profissional que atua na biblioteca escolar deve exercer um papel relevante na divulgação das informações que contribuem com o processo ensino-aprendizagem, sendo ele o responsável por criar atividades e estratégias para promover a leitura, uma vez que é responsável pela organização do acervo e pelo elemento de ligação entre sala de aula e biblioteca. Mas, para que o dinamizador consiga desempenhar esse papel, ele necessita estar atualizado e em formação contínua, o que, conforme já foi exposto, é uma das grandes deficiências em relação às bibliotecas escolares, já que, além de não ter políticas públicas para esse fim, os funcionários não possuem formação na área.

Uma biblioteca organizada e articulada com os componentes curriculares pode contribuir com a formação de alunos leitores no decorrer do processo educativo e melhorar o nível do ensino. Nesse sentido, a escola precisa demonstrar interesse pela biblioteca por essa dar importante contribuição aos processos de ensino-aprendizagem, sobretudo no letramento e formação de alunos leitores. É importante considerar que, na maioria das vezes, o único acesso que muitos alunos têm ao livro é somente por meio da escola. É exatamente por cumprir sua função social que também deve primar pela inclusão dos sujeitos, que a escola necessita organizar e estruturar a biblioteca para que possa atrair os estudantes e formar leitores.

Desse modo, como função educativa, a biblioteca escolar João Bosco de Castro do Colégio Estadual Jardim América é representada pelas professoras como aliada nas ações de

incentivo ao letramento, auxiliando na tarefa de ensinar, incentivando o aluno na busca por conhecimento por meio da leitura, oferecendo os recursos disponíveis e complementando as informações do professor. Entretanto, mesmo com todo o esforço desempenhado no sentido de atribuir significados à biblioteca escolar dentro de um contexto em que se busca formar alunos leitores, percebemos que ainda há muito a ser feito em termos de projetos que integrem os componentes curriculares da área de Linguagens à rotina da biblioteca, bem como aumentar a frequência dos alunos nesse espaço, seja para leituras de entretenimento ou pesquisas.

III. LEITURA/ESCRITA: A CONSCIÊNCIA LEITORA EM MOVIMENTO COM A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN

Eu sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca.

Jorge Luís Borges

Neste capítulo, expomos a biblioteca como espaço de formação da consciência leitora, buscando uma viagem teórico-crítica, colocando ao centro o termo biblioteca. A partir desse vocábulo como metáfora de um lugar de fala, propomos a análise do romance de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup, *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*.

Esse romance conta a história de dois primos adolescentes. Nils tem doze anos e acaba de voltar das férias escolares de verão, passadas em companhia de sua prima Berit, na cidade de Fjaerland, interior da Noruega. Para não deixarem de se falar, os dois decidem escrever um diário e remetê-lo de uma cidade a outra pelo correio. Já de início, porém, parece haver algo de misterioso no diário de Nils e Berit. Ao comprá-lo numa livraria, Nils conhece uma mulher estranha, alguém que ele e Berit haviam visto de passagem durante as férias. A mulher faz questão de ajudar Nils a comprar o diário - uma esquisitice que ele não deixa de contar à prima já em sua primeira "carta". Em Fjaerland, Berit se põe a segui-la. Diante da casa da mulher, Berit "furta" um pequeno envelope da caixa de correio. Dentro, encontra uma carta vinda da Itália, endereçada a uma certa Bibbi, que menciona um sebo em Roma. O estabelecimento guardaria não apenas livros raros, mas também livros ainda não escritos. E um desses livros refere-se a uma certa "biblioteca mágica".

Toda essa história Berit conta a Nils em sua primeira carta. A aventura mal começou, mas o leitor já se vê mergulhado num grande mistério. Quem é Bibbi e que biblioteca mágica é essa? É um caso para os pequenos detetives Nils e Berit investigarem a fundo - e tudo aquilo de que o leitor precisa para se divertir pelas páginas restantes. Em *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, o grande herói é o livro e sua história, numa trama cheia de suspense e aventura. E ainda traz conceitos explicados de forma lúdica, como: epistolário; história dos livros e seu processo de produção; história das bibliotecas e sua catalogação; bibliógrafo; bibliófilo e biblioteconomia.

Ressaltamos a imagem da biblioteca escolar como espaço de utopia, como lugar de fala de quem busca, encontra e passa a conviver com a possibilidade de se pôr em sintonia com o mundo, de participar ativamente dos processos vários da formação do pensamento. Destacamos

também que o romance epistolar aqui analisado é, na verdade, um grande ensaio no qual se argumenta, em forma de narrativa literária, sobre o valor mágico da biblioteca que se abre para o sonho e, principalmente, para a sensibilização de seus frequentadores, haja vista a mudança de atitude do casal protagonista que, de repente, se vê em um enredo magistral e transformador.

A análise se desenvolveu através de discussão crítica envolvendo o sentido de escrita, experimentação, escritura, intertextualização, transcrição e relações interartísticas. A biblioteca como lugar de tradução da tradição nos leva a discutir, a partir de recortes para análise do livro *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, a biblioteca como espaço/lugar privilegiado que, por mais que se procure, jamais damos conta de abarcar o seu sentido maior, dada a sua natureza complexa. Temos a biblioteca como lugar de fala problemático e complexo, uma vez que ela é sempre maior do que um espaço, sendo assim um lugar onde todas as falas e silêncios substanciais se cruzam a todo momento.

3.1 O modelo ensaístico-argumentativo como estratégia narrativa no romance *a Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken*

Neste subcapítulo, propomos falar da grandeza narrativa do romance *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup, como obra contemporânea, escrita em forma epistolar ensaística que, ao mesmo tempo em que conta uma história, também resalta questões de ordem histórica, cultural e social, trazendo ainda à luz questões teóricas sobre a literatura e seu valor como arte.

Logo no início do romance, nota-se, na fala do personagem Nils Boyum, quando ele propõe à sua prima a escrita de um epistolário:

Mas vamos ao que interessa. Pensei muito na ideia do epistolário e tenho que admitir, apesar de tudo, não é má de todo: escrever cartas neste caderno grosso que vamos enviando um ao outro, entre Oslo e Fjaerland, vai ser como colar fotografias num álbum, só que em vez de fotos utilizamos palavras. (GAARDER; HAGERUP, 2005, p. 3)

O que realmente “interessa”, segundo diz o personagem, é decidir a forma de manter vivo o diálogo, no caso, um epistolário e, depois, trocar o caderno entre si a cada carta que um escreve para o outro. Essa ação ele compara a um álbum de fotografia no qual cada foto vai sendo colada e assim se acrescenta sempre um novo fragmento, semelhante ao que acontece na própria vida, na criação e consolidação da memória.

3.2 A função retroalimentadora da biblioteca e a metalinguagem em a Biblioteca Mágica de Bibbi Bokken

A metalinguagem sempre foi, e não poderia ser diferente, uma forma discursiva que estará presente tanto na narrativa quanto na crítica literária. No livro aqui em análise, podemos perceber como, de certo modo, nesse romance epistolar se estabelece uma relação metalinguística, uma vez que as células da narrativa se entrelaçam e se complementam mutuamente e a história se alimenta de si mesma, ao mesmo tempo em que dialogam com outras obras, outras formas do conhecimento. O romance transcria o mundo real quando constrói um outro mundo paralelo a esse, no sentido de que seus personagens, embora estando nesse mundo real, se nutrem dos temas, dos mistérios da biblioteca, como espaço que cabe e simboliza tal universo múltiplo.

Estava tão agitada que não consegui pensar em mais nada. Deve ser assim que se sente quem comete um crime pela primeira vez. De um momento para o outro, encontrei-me em frente da casa, mais ou menos como um ladrão mascarado que, de repente, salta para a varanda e grita: “Isto é um assalto” Bom, o meu não era bem um assalto de verdade, não gritei e nem sequer estava mascarada. No entanto, peguei o pequeno envelope e, sorratamente, esgueirei-me, outra vez, para trás do muro. Dentro do envelope havia uma carta e, na carta, estava escrito:

Querida Lilli,

Vagueei pela cidade a manhã inteira, mas não fui capaz de encontrar aquele extraordinário antiquário. Será que fechou as portas de um dia para o outro? Só sei que se situava numa das ruelas estreitas que ficam nas proximidades da Praça Navona. Pelo menos era ali que estava no dia em que, por acaso, fui parar lá. Andava à procura de uma edição italiana do *Peer Gynt* mas, quando o proprietário percebeu que eu era norueguesa, chamou-me à parte, conduziu-me até uma velha estante e indicou-me um livro com uma capa diferente de todas as outras, pelo simples fato de que era nova em folha.

— Não tenho somente livros que já estão escritos — sussurrou, olhando-me intensamente.

Eu, naturalmente, não entendia o que ele queria dizer.

Foi então que tirou um livro da estante, olhou-me com atenção, como se estivesse me estudando, e esclareceu:

— Eu também coleciono livros que, mais cedo ou mais tarde, irão ser escritos. É claro que livros deste tipo são infinitos, porém, só muito raramente vem parar um às mãos.

Depois, entregou-me o livro. Na capa figuravam altas montanhas, e o título tinha a ver com uma certa “biblioteca mágica”. Mas o problema não era nem a capa nem o título. O PROBLEMA É QUE O LIVRO É PUBLICADO EM OSLO, NO ANO DE 1993!

Publicado no próximo ano, Lilli! E o velho sublinhou que se tratava de uma edição especial. (GAARDER; HAGERUP, 2005, p. 8)

Pelo que notamos na citação acima, vemos o recurso da metalinguagem, da metanarrativa, como procedimento que estabelece relações transcriativas em que uma obra puxa outra obra,

reconstituindo partes daquela obra que já existia, agora em uma nova perspectiva. Berit invoca Lili, transcrevendo o seu discurso, que, por sua vez, invoca o bibliotecário interessado no livro raro, confessando a sua paixão pela biblioteca, ao fazer dela um verdadeiro paraíso, o espaço da confluência do eu com si mesmo e do encontro com o outro que é, em última análise, a grande realidade, essa na qual os seres humanos se perdem e se encontram, paradoxalmente.

A biblioteca como destino e ponto de partida nos permite afirmar que, se por um lado, ela acolhe o caminhante sedento, feito o oásis, por outro, ela o envolve em sua teia e lhe devolve todas as suas perguntas em forma de questionamentos maiores. Assim sendo, outra nuance fundamental é a visão da biblioteca no limite entre o vivido e o sentido, considerando a história e os movimentos históricos, pensados no ambiente da biblioteca, como eles tomam corpo no olhar artístico-cultural e como isso alimenta o leitor que, por sua vez, os retroalimenta. Estabelece-se assim um movimento espiral em busca das proficiências específicas, onde esse leitor acaba se perdendo, para o bem da cultura, da ciência e do conhecimento, na sua fantástica e interminável busca.

A leitura artística como fantasia reveladora precisa ser explorada, assim como a leitura como ato de amor, que diz sobre o apego ao livro, do apego que, voluntária ou inadvertidamente, o leitor faz da leitura literária uma grande possibilidade de se atingir o múltiplo, o duplo e o dialético, na imagem da escrita/mundo. É preciso observar a relação afetiva e afetiva entre o autor e a obra, na ótica da teoria dos afetos, como possibilidade transcriativa, em que as linguagens e manifestações estéticas vão se traduzindo umas nas outras, na aura transcendente do livro, no mergulho do observado, que na solidão enxerga a possibilidade do desfrute da intimidade que se constrói entre ele e o livro. Esta intimidade que gera nele a consciência de si, a consciência social e a tão necessária proficiência ledora, e a necessidade de discutir a presentificação do ausente, no envolvimento das personagens do romance em epígrafe com os acontecimentos não familiares, geradores de afetações múltiplas, de como as coisas se traduzem e se transmutam no universo místico da biblioteca mágica, seu alcance, o encantamento pelo signo da arte, como fazer e como olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender qual o lugar da biblioteca escolar no contexto da formação de estudantes leitores do Colégio Estadual Jardim América. Propôs, como objetivo geral, analisar o contexto da biblioteca escolar na Rede Estadual de Educação de Goiás com olhar sobre a importância percebida por gestores da Seduc e professoras do Colégio Estadual Jardim América acerca do processo de formação de estudantes leitores da educação básica. Como objetivos específicos, buscamos, neste estudo, levantar as principais políticas e programas nacionais e locais que sustentam e orientam as bibliotecas escolares, mapear os projetos e ações desenvolvidos no âmbito da Secretaria de Estado de Educação de Goiás, estabelecendo com eles um diálogo crítico, uma vez que é sabido haver entre o que rezam os documentos e o que, de fato, se observa no chão da escola, grande distanciamento. Foi realizada então uma escuta com gestores da Seduc e professoras do Colégio Estadual Jardim América sobre a biblioteca escolar no processo de formação dos estudantes leitores da educação básica. Objetivamos, ainda, realizar um estudo da obra *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, romance de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup.

Procuramos identificar a importância do espaço da biblioteca no processo de letramento na formação de alunos leitores do Colégio Estadual Jardim América e compreender que a leitura, além de proporcionar momentos de lazer, é uma ferramenta indispensável se quisermos fazer parte de uma sociedade com capacidade para ser realmente livre e atuante. Para isso, precisamos compreender a importância da leitura e da biblioteca escolar na formação do futuro leitor e as práticas de leitura e escrita com destaque aos textos literários ou, especificamente, ao letramento literário.

Pensando nesse aluno/sujeito/leitor e na prática pedagógica dos docentes da educação básica, passamos a analisar a importância da biblioteca na construção e evolução do pensamento humano. Para isso, valemo-nos de entrevistas realizadas com a gestora responsável pelas bibliotecas escolares da Seduc e professoras da área de Linguagens do Colégio Estadual Jardim América, utilizando o método exploratório, de natureza qualitativa, a partir de estudo documental com levantamento das principais políticas, projetos e ações sobre bibliotecas escolares na Seduc e projetos desenvolvidos na área de Linguagens que de fato têm contribuído para a formação de alunos leitores. As análises das entrevistas seguiram os preceitos do Método de Análise de Conteúdo.

Conforme entrevista semiestruturada realizada com as professoras da área de

Linguagens do Colégio Estadual Jardim América, uma biblioteca organizada e articulada com os componentes curriculares pode contribuir para a formação de alunos leitores no decorrer do processo educativo e melhorar o nível do ensino. Entretanto, a escola precisa demonstrar interesse pela biblioteca, por essa subsidiar os processos de ensino-aprendizagem, sobretudo no letramento e formação de alunos leitores. É importante considerar que, na maioria das vezes, o único acesso que muitos alunos têm ao livro é somente por meio da escola, o que a faz cumprir sua função social, primando pela inclusão dos sujeitos. Então, a escola necessita organizar e estruturar a biblioteca para que possa atrair os estudantes e formar leitores.

Desse modo, como função educativa, a biblioteca escolar João Bosco de Castro do Colégio Estadual Jardim América é uma grande aliada nas ações de incentivo ao letramento. Assim, busca auxiliar na tarefa de ensinar, incentivar o aluno a visualizar novos conhecimentos por meio da leitura, oferecer os recursos disponíveis e complementar as informações do professor.

Entretanto, mesmo com todo o esforço no sentido de atribuir significados à biblioteca escolar dentro de um contexto em que se busca formar alunos leitores, percebemos que ainda há muito a ser feito em termos de projetos que integrem os componentes curriculares da área de Linguagens à rotina da biblioteca, bem como aumentar a frequência dos alunos nesse espaço, mesmo que seja para leituras de entretenimento ou pesquisas.

Também procuramos falar da grandeza narrativa do romance *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup, como obra contemporânea, escrita em forma epistolar ensaística que, ao mesmo tempo em que conta uma história, ressalta questões de ordem histórica, cultural e social, trazendo ainda à luz questões teóricas sobre a literatura e seu valor como arte.

Por fim, esperamos que os resultados deste estudo tenham contribuído para evidenciar que é preciso, urgentemente, inserir a biblioteca escolar na pauta das discussões sobre a melhoria do ensino e a formação de leitores em nossas escolas públicas. Que é preciso, cada vez mais, pensar a biblioteca escolar como um espaço educativo e pedagogicamente ativo, de movimento, que promova leituras, leituras literárias, análises e encontros significativos entre pessoas e livros. Que é preciso estimular as escolas e as professoras a desenvolverem práticas pedagógicas de letramento literário que integrem a biblioteca ao currículo escolar e às atividades cotidianas de sala de aula. Repensar e discutir o papel da biblioteca, suas especificidades dentro da escola e seu papel na formação do leitor e do leitor literário, são uma

tarefa urgente da qual as políticas públicas e os educadores não podem se esquivar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Biblioteca e formação de leitores**. São Paulo: Cadernos de Educação Básica, 1994.

ALVES, Daniel Magalhães. A existência da biblioteca escolar. *In*: BESSA, José Antônio; ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed. Uberaba: IFMT, 2014. p. 9-14.

ANDRADE, Fabiano Queiroz et al. Biblioteca Escolar: espaço motivador da leitura. *In*: BESSA, José Antônio; ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A Biblioteca no contexto escolar**. 1. ed. Uberaba: IFMT, 2014. p. 112-119.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: L. de A. Rego e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3.549, de 12 de setembro de 2000**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares e determina outras providências. Autor: Esther Grossi. Brasília, DF: Câmara Federal, 2000. Situação: Arquivado.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011**. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2014

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. **Decreto nº 9.930, de 23 de julho de 2019**. Altera o Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2020.

BRASIL. **O que é a Covid-19?** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus2021>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CAMPELLO, Bernadete Santos (coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares.** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação-GEBE-UFMG, 2010. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/2-MIOLO.pdf> Acesso em: 20 nov. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 105-120, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/Campello%20InfoeSoc%202011.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613/105207>. Acesso em: nov/2021.

CARVALHO, M. C. Leitura literária: o processo de comunicação literária e a formação do leitor crítico. In: AGUILERA, V. A.; LIMOLI, L. (org.). **Entrelinhas, entretelas: os desafios da leitura.** Londrina: Ed. UEL, 2001.

CARVALHO, M. C. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, B. S. et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CASTRO FILHO, C. M.; COPPOLA JUNIOR, C. Biblioteca escolar e a Lei 12.244/2010: caminhos para implantação. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 30-41, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CEJA-COLÉGIO ESTADUAL JARDIM AMÉRICA. **Projeto Político Pedagógico.** Goiânia, 2022.

CHARCZUKI, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109145, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Projeto mobilizador: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público – caminhos construídos.** Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://pbe.fic.ufg.br/n/77149-programa-mobilizador-cfb>. Acesso em: 2 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB). **Resolução nº 199/2018, de 03 de julho de 2018.** Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das Bibliotecas Escolares. Brasília, DF., 2018. Disponível em:

<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3138/resolucao-cfb-n-199>. Acesso em: 17jan. nov/2021.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. Letramento Literário. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. Estética da recepção e teoria do efeito. **Dia a dia Educação**, Curitiba, 26 mar. 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2013.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. As unidades do discurso *In*: _____. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRAGOSO, Graça Maria. A Lei e seus desdobramentos. *In*: SALTO PARA O FUTURO. **Biblioteca escolar: que espaço é esse?** Brasília, DF, ano XXI, Boletim 14, p. 12-17, out. 2011. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/08/biblioteca-escolar-que-espaco--esse.pdf>. Acesso em: nov/2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1984.

GAARDER, Jostein; HAGERUP, Klaus. **A biblioteca mágica de Bibbi Bokken**. Tradução: Sonali Bertuol. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOIÁS. **Diretrizes Operacionais da Rede Pública de Educação de Goiás 2020-2022**. Goiânia: Seduc-GO, 2020.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, p. 149-161, 2003.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: Uma Teoria do Efeito Estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como provocação à teoria literária**.

Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert et al. **A Literatura e o leitor**: Textos de Estética da Recepção. Seleção, coordenação e tradução: Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. v.2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARÇAL, Érika Patrícia Lopes Sobral. Biblioteca Escolar e a função de incentivar a leitura. *In*: ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed.. Uberaba: IFMT, 2014. p. 130-139.

MARTINS, Heloisa Helena T. Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: Por uma sociologia reflexiva. Métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. *In*: _____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 23-45.

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MORAIS, Creusa Maria de. O papel do gestor em relação à biblioteca escolar. *In*: ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed. Uberaba: IFMT, 2014. p. 76-86.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. **Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte**. 2009. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MORO, Eliane Lourdes da Silva et al. **Contextos formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras**. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia da COVID-19**. Brasília, DF, 2021.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo flexível para um modelo nacional de bibliotecas escolares**. Brasília, DF: Comissão Brasileira de Bibliotecas Escolares/FEBAB, 1985.

ORIÁ, Ricardo. **Bibliotecas Escolares no Brasil**: uma análise da aplicação da Lei nº 12.244/2010. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2017. 32 p. (Estudo Técnico). Consultoria Legislativa. Disponível em:
http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34382/bibliotecas_escolares_oria.pdf?sequence=1. Acesso em: 9 abr. 2020.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n.5, p. 56, 2001.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. *In*: PAIVA, A. et al. (orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: EDGUFPEl, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2004.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, Clarice Martins et al. Biblioteca Escolar: Ferramenta fundamental no alcance de metas educacionais. *In*: ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed.. Uberaba: IFMT, 2014. p. 51-59.

ROSA, Rosemar. Biblioteca escolar: organização. *In*: ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed.. Uberaba: IFMT, 2014. p. 25-35.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Adriana Pereira dos. Biblioteca Escolar: hábito de leitura, realidades e funções. *In*: ESTEVAM, Humberto Marcondes; ROSA, Rosemar (orgs.). **A biblioteca no contexto escolar**. 1. ed. Uberaba: IFMT, 2014. p. 95-111.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A produção da leitura na escola pesquisas X propostas**. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Waldeck C. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda. Práticas de leituras literárias nas séries finais do ensino fundamental. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4, 2010, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera M. (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões sobre o INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (orgs.). **A escolarização a leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**: elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertat, 2002.

Base documental para aprofundamento

Lei nº 5.692, 11 de agosto de 1971 - determinava uma reforma no ensino de 1º e 2º graus (por meio do PREMEM, especificado anteriormente). A lei previa a implantação de novas práticas educativas, que passariam a ter uma estrutura de ensino profissionalizante, imposição da pesquisa escolar, e cabendo às bibliotecas atender a esta demanda educacional. Programa Nacional Sala de Leitura – 1984 a 1987: Foi criado pela Fundação de Assistência ao Estudante - FAE e seu trabalho era compor, enviar e repassar recursos para ambientar as salas de leitura

Proler – 1992: Em vigência até os dias atuais, foi criado pela Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, e tinha como objetivo possibilitar à comunidade em geral, em diversos segmentos da sociedade civil, o acesso a livros e a outros materiais de leitura.

Pró-leitura na Formação do Professor – 1992 a 1996: Foi criado através de uma parceria entre o MEC e o governo francês. Pretendia atuar na formação de professores leitores para que eles pudessem facilitar a entrada de seus alunos no mundo da leitura e da escrita. Inserido no sistema educacional, o Pró-leitura se propunha a articular os três níveis de ensino, envolvendo em um mesmo programa, alunos e professores do Ensino Fundamental, os professores em formação e os pesquisadores.

Programa Nacional Biblioteca do Professor – 1994 a 1997: Criado com o objetivo de dar suporte para a formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, buscava desenvolver duas linhas de ação: a aquisição e distribuição de acervos bibliográficos e a produção e difusão de materiais destinados à capacitação do trabalho docente. Esse programa foi extinto com a instituição do Programa Nacional de Biblioteca da Escola – PNBE pela portaria 652 de

16/09/97.

Resolução nº 07, de março de 2009, que regulamenta o PNBE, determina-se a necessidade de implantação, ampliação e atualização do acervo das bibliotecas escolares de escolas públicas brasileiras, prevendo, para tanto, distribuição de acervos para atenderem à demanda, cuja finalidade é o apoio à prática da educação básica.

Lei nº 12.244/2010, dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Assim, se apresenta a importância da biblioteca como elemento do direito à educação.

BRASIL. Ministério da Educação. Avaliação de Bibliotecas Escolares no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional Biblioteca na Escola. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programanacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 15 nov. 2021.